

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Análise do emprego do Marcador Conversacional *né?*
na fala de Pelotas/RS

FABIANA FAGUNDES PALLA

Pelotas, 2015.

FABIANA FAGUNDES PALLA

Análise do emprego do Marcador Conversacional *né?*
na fala de Pelotas/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPel como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras; área de concentração Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral

Pelotas, 2015.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P164a Palla, Fabiana Fagundes.
Análise do emprego do marcador conversacional né? Na fala de
Pelotas/RS. / Fabiana Fagundes Palla; orientador Luís Isaías Centeno do
Amaral. – Pelotas, 2015.

121f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Pelotas.

1. Sociolinguística 2. Marcador conversacional 3. Análise
conversacional 4. Gramaticalização 5. Linguística I. Amaral, Luís
Isaías Centeno do, orient. II. Título

CDD: 801

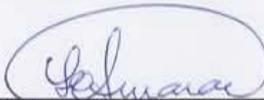
Fabiana Fagundes Palla

Análise do emprego do Marcador Conversacional *né?*
na fala de Pelotas/RS

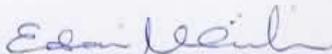
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

30 de abril de 2015

Banca examinadora:



Prof. Dr. Luis Isaias Genteno do Amaral
Orientador/Presidente da Banca
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profª Dra. Edair Maria Górski
Membro da Banca
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profª. Dra. Cintia da Costa Alcântara
Membro da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Paulo Ricardo Silveira Borges
Membro da Banca
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para meu pai (*in memoriam*).

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, às duas pessoas mais importantes da minha vida, minhas pequenas Beatriz e Manuela. Também agradeço ao meu marido, Pedro, pelo apoio e à minha mãe Tania, pelo deslocamento até Pelotas e pela grande ajuda cuidando das minhas meninas. Um muito obrigada à minha irmã Luciana, por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida, sempre.

Agradeço muito ao meu orientador, Luís Amaral, por tudo, pelo apoio, pela paciência, pelas orientações, correções e sugestões em todas as etapas deste trabalho.

Também agradeço aos meus tios, tias, primas e amigas pelo apoio à distância.

Obrigada às minhas amigas e companheiras de mestrado Bianca e Paula pela força em todos os momentos desta empreitada.

Obrigada também aos professores do PPGL com quem aprendi muito.

Este trabalho foi realizado com bolsa Capes/DS.

*“Fica decretado
que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras
mais cinzentas, têm direito
a converter-se em manhãs
de domingo”*

(Thiago de Mello).

Resumo

PALLA, Fabiana Fagundes. *Análise do emprego do Marcador Conversacional né? na fala de Pelotas/RS*. 2015. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar, através da análise de entrevistas narrativas transcritas, o emprego do marcador conversacional (MC) *né?* na fala de gaúchos da cidade de Pelotas/RS. O marcador supracitado é interpretado em seus contextos e condições de produção e não de forma isolada, uma vez que aparece nas atividades interacionais durante as entrevistas narrativas, sendo estas reconhecidas um gênero da pesquisa sociolinguística. Para tanto, nos valeremos de dois *corpora*, um escrito e um oral, o primeiro, formado em sua totalidade por 25 peças teatrais, datadas de 1842 a 1981, e que nos indicarão o percurso do MC *né?* da sua mais antiga até sua forma atual, em que situações ele é utilizado, e quais as características extralinguísticas das personagens que o utilizam; o segundo, composto por entrevistas narrativas pertencentes ao banco de dados VarX de 36 informantes (homens e mulheres), metade deles pertencente à classe média alta e metade pertencentes à classe baixa, todos moradores de Pelotas. A variável principal considerada neste trabalho foi classe social e, dentro deste *corpus* ainda foram considerados os fatores grau de instrução (escolaridade) e faixa etária dos entrevistados. Entendemos a variável linguística segundo a perspectiva laboviana, como um elemento variável interno ao sistema e controlado por uma única regra. Desta maneira, tornaram-se necessários estudos que envolvessem fatores de gramaticalização, segundo a perspectiva de Martelotta (2003), pois o MC objeto de análise deste trabalho sofreu/sofre mudanças e/ou variações lexicais, morfológicas, fonológicas e ainda semânticas; este aspecto será tratado sob o ponto de vista pancrônico com o intuito de perceber variações que se converteram ou não em mudanças. Analisamos com base nas concepções teóricas da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano, os aspectos que são peculiares a cada grupo e a identificação de características linguísticas próprias das comunidades de fala desta região (registros) bem como demonstramos que seus usos são muito frequentes nas mais diversas situações, estando presentes na fala de homens e mulheres, nas diferentes faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade, não devendo, portanto, carregar o estigma de vícios de linguagem atribuídos a grupos sociais específicos.

Palavras-chave: marcador conversacional; variação; sociolinguística; gramaticalização/discursivização.

Abstract

PALLA, Fabiana Fagundes. *Analysis of the use of Discourse Marker né? in the speech of Pelotas/RS*. 2015. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

This work aims to present, through the analysis of narrative interviews transcribed, the use of Discourse Marker *né?* in the speech of gauchos of Pelotas / RS. The above marker will be interpreted in their context and conditions of production and not in isolation, since appearing in interactional activities during the narrative interviews, as recognized a genre of sociolinguistic research. To do so, we will enforce two corpora, a textual and an oral. The first one was formed entirely of 25 theatrical pieces, dating from 1842 to 1981, that indicate the course of the MC *né?* from the oldest form till its present, in which situations it is used, and what extralinguistic characteristics of the characters that use it; the second, composed of interviews narratives who belong to the VarX data base from 36 respondents (men and women), half of them belonging to the upper middle class and the other half belonging to the lower class, all residents of Pelotas. The main variable considered in this study was social class and within this corpus were still considered the factors Education (schooling) and age of respondents. We understand the linguistic variable according to Labovian perspective as an internal variable element to the system and controlled by a single rule. On this way, studies involving grammaticalization factors are needed from the perspective of Martelotta (2003), because the MC object of analysis of this study suffered/ suffer changes and/or lexical, morphological, phonological and semantic variations; this aspect will be dealt from the panchronic point of view in order to realize that variations or not converted into changes. We analyzed, based on the theoretical concepts of Sociolinguistics Variationist and American functionalism, the aspects that are peculiar to each group and identifying characteristics of the speech speaking communities of this region (records) and show that their uses are very common in different situations, being present in the speech of men and women in different age groups, social classes and educational levels, should not, therefore, carry the stigma of addictions language assigned to specific social groups.

Keywords: discourse marker; variation; sociolinguistics; grammaticalization/discursivization.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – As Relações entre Bilinguismo e Diglossia.....	87
Quadro 1 – Textos teatrais utilizados, organizados por período da produção dramaturgica, estilo e dialeto materno do autor.....	40
Quadro 2 – Variáveis independentes linguísticas consideradas para análise.....	56
Quadro 3 – Fatores da variável dependente encontrados no levantamento das 36 entrevistas narrativas.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição proporcional dos Marcadores Conversacionais em textos teatrais (em números de ocorrências).....	79
Gráfico 2 – Distribuição cronológica dos Marcadores Conversacionais “ <i>Não?</i> ”, “ <i>Não é?</i> ” e “ <i>Né?</i> ” em textos teatrais (em números de ocorrências).....	81
Gráfico 3 – Distribuição quantitativa, por gênero e faixa etária, dos Marcadores Conversacionais “ <i>Não?</i> ”, “ <i>Não é?</i> ” e “ <i>Né?</i> ” nos textos teatrais.	82
Gráfico 4 – Distribuição dos Marcadores Conversacionais <i>né?</i> /Formas variantes em porcentagem e número de ocorrências nos 36 informantes.	90
Gráfico 5 – Distribuição dos Marcadores Conversacionais <i>não é?</i> / <i>não é verdade?</i> / <i>nu’ é?</i> / <i>nã?</i> / <i>não?</i> / <i>outros</i> em número de ocorrências.....	90
Gráfico 6 – Distribuição das ocorrências de algumas formas variantes do MC <i>né?</i> encontradas no <i>corpus</i> , segundo a variável gênero dos informantes.	92
Gráfico 7 – Distribuição das formas variantes nos indivíduos do grupo classe baixa em número de ocorrências e porcentagem.	95
Gráfico 8 – Distribuição das formas variantes nos indivíduos do grupo classe média alta em número de ocorrências e porcentagem.	95
Gráfico 9 – Distribuição por faixa etária do MC “ <i>né?</i> ” (em peso relativo).....	97
Gráfico 10 – Distribuição por faixa etária das formas variantes do MC “ <i>né?</i> ” (em números de ocorrências).....	97
Gráfico 11 – Distribuição por tipo de tópico das formas variantes do MC <i>né?</i> , em número de ocorrências.	102
Gráfico 12 – Distribuição por marcas linguísticas do MC <i>né?</i> e suas formas variantes, em número de ocorrências.	104
Gráfico 13 – Distribuição por localização das pausas do MC <i>né?</i> e dos grupos de formas variantes P e Q, em número de ocorrências.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – os 36 informantes do VarX selecionados para a constituição do corpus de dados orais – retirados da tabela 8 (anexo A) [por código do informante].	56
Tabela 2 – Total de ocorrências em números, porcentagem e peso relativo do MC <i>né?</i> e suas formas variantes divididas por gênero.	91
Tabela 3 – Distribuição dos MCs na variável classe social em número de ocorrências, porcentagem e peso relativo.....	95
Tabela 4 – Distribuição do MC <i>né?</i> e suas formas variantes de acordo com a faixa etária dos informantes em número de ocorrências e porcentagem.	96
Tabela 5 – Número de ocorrências do MC <i>né?</i> e de suas formas variantes por faixa etária.....	98
Tabela 6 – Distribuição por tópico do MC <i>né?</i> e suas formas variantes em número de ocorrências e porcentagem.	101
Tabela 7 – Distribuição da localização das pausas no MC <i>né?</i> e suas formas variantes em número de ocorrências e porcentagem.....	104
Tabela 8 – Entrevistas do banco de dados VarX (composto em sua totalidade por 90 informantes, com destaque em Negrito para os informantes utilizados na presente pesquisa).	120

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	APRESENTAÇÃO.....	16
2	REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1	APONTAMENTOS TEÓRICOS	23
2.2	FUNCIONALISMO	24
2.2.1	Funcionalismo norte-americano	25
2.2.2	Gramaticalização	27
2.2.2.1	Discursivização do <i>né</i> ?.....	29
2.3	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	30
2.3.1	William Labov: tipos de narrativas	30
2.3.2	A variação em Labov.....	32
2.3.2.1	Idioleto/Socioleto	33
2.3.2.2	Estilo e Atitude Linguística.....	33
2.4	MARCADORES CONVERSACIONAIS/MARCADORES DISCURSIVOS	35
3	METODOLOGIA	39
3.1	TEXTOS TEATRAIS (BANCO ESCRITO).....	40
3.1.1	Martins Pena (1815-1848).....	42
3.1.1.1	O Juiz de Paz da Roça (1842)	43
3.1.1.2	O Judas em Sábado de Aleluia (1846)	43
3.1.1.3	O Noviço (1856).....	44
3.1.2	Machado de Assis (1839-1908).....	44
3.1.2.1	Hoje avental, amanhã luva (1860)	45
3.1.2.2	Desencantos (1861)	45
3.1.2.3	As Forças Caudinas (1863)	45
3.1.2.4	Quase Ministro (1862)	46

3.1.2.5	Os deuses de casaca (1866)	46
3.1.2.6	O bote de rapé (1878)	47
3.1.2.7	Tu, só tu, puro amor (1880)	47
3.1.2.8	Não consultes médico (1899)	47
3.1.3	João Simões Lopes Neto (1865-1916)	48
3.1.3.1	A Viúva Pitorra (1898) – Duas versões	48
3.1.4	Nelson Rodrigues (1912 – 1980)	49
3.1.4.1	A mulher sem pecado (1941)	49
3.1.4.2	Vestido de Noiva (1943)	50
3.1.4.3	A Falecida (1953)	50
3.1.5	Plínio Marcos (1935-1999)	51
3.1.5.1	Barrela (1958)	51
3.1.5.2	Navalha na Carne (1967)	51
3.1.5.3	O abajur lilás (1969)	52
3.1.5.4	Querô, uma reportagem maldita (1979)	52
3.1.6	Caio Fernando Abreu (1948-1996)	52
3.1.6.1	Sarau das 9 às 11 (1976)	53
3.1.6.2	Pode ser que seja só o leiteiro lá fora (1976*)	53
3.1.6.3	Reunião de família (1984)	53
3.1.7	Ivo Bender (1936 -)	54
3.1.7.1	Quem roubou meu Anabela? (1972)	54
3.1.7.2	O cabaré de Maria Elefante (1981)	55
3.2	ENTREVISTAS NARRATIVAS – VARX (BANCO ORAL)	55
3.2.1	<i>Corpus</i>	56
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	59
4.1	TEXTOS TEATRAIS	59
4.1.1	Resultados quantitativos e qualitativos	59
4.2	ENTREVISTAS	86

4.2.1	Introdução: diferentes contatos linguísticos	86
4.2.2	Língua-padrão e Língua não-padrão	88
4.2.3	Adequação	90
4.2.4	Dados: descrição e análise	90
4.2.5.1	Gênero.....	92
4.2.4.2	Classe social	95
4.2.4.3	Faixa etária	97
4.2.4.4	Ritmo de fala	99
4.2.4.5	Tópico.....	101
4.2.4.6	Marcas linguísticas de vizinhança	103
4.2.4.7	Pausa	104
5	CONCLUSÃO	108
	REFERÊNCIAS.....	113

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

No trabalho que aqui apresentamos, buscamos realizar uma análise contrastiva funcional e variacionista do emprego do marcador conversacional/discursivo *né?* na comunidade de fala de Pelotas/RS. Nossa proposta é que a partir de um levantamento quantitativo de 36 entrevistas narrativas do *corpus* VarX, possamos verificar se as diferenças quantitativas associadas a variáveis linguístico-discursivas e extralinguísticas permitem-nos fazer o reconhecimento dos aspectos que são peculiares a cada grupo de falantes, identificando as particularidades próprias dos falares da referida comunidade de fala.

Como suporte para a análise das 36 entrevistas, nos valeremos de um banco de dados escrito, composto em sua totalidade por 25 textos - 24 peças teatrais, com datas que variam de 1842 a 1981, e que nos indicarão o percurso do MC *né?*, da(s) sua(s) mais antiga(s) até sua forma atual, em que situações ele é utilizado, e quais as características das personagens que utilizam uma e/ou outra forma. Selecionamos os textos teatrais para a composição deste banco de dados por possuírem, em sua maior parte, estruturas dialogadas que funcionam como discursos reportados, os quais buscam retratar situações reais de diálogos.

Uma das principais funções dos Marcadores Conversacionais (MCs) é a de organizadores que articulam os textos (escritos e falados). De acordo com Urbano (1999, p.85): "... eles são unidades típicas da fala, dotadas de grande frequência, recorrência, e significação discursivo interacional, mas que geralmente não integram o conteúdo cognitivo do texto."

Ainda segundo Urbano (1999, p.85), os MCs podem ser divididos em dois grupos mais gerais:

1º) MCs não-verbais ou paralinguísticos (gestos, olhares, risos, roupas, posturas, etc);

2º) MCs verbais ou linguísticos se apresentam de três maneiras distintas: -não lexicalizados, em que as pessoas apenas articulam sons; - prosódicos,

representados por pausas e alongamentos e -lexicalizados que são formados por palavras e é aqui que o MC *né?*, ‘objeto deste trabalho’, se encaixa.

Neste projeto, então, procuramos fazer o levantamento sistemático, e realizar análises quantitativa e qualitativa do marcador conversacional/discursivo *né?* na comunidade de fala da cidade de Pelotas. A escolha desse marcador decorre da verificação, em um trabalho anterior (PALLA, 2011), como o MC de maior recorrência no referido grupo de falantes.

Apesar de inúmeros estudos descritivos do português falado da Região Sul em autores como Paulino Vandresen¹, Ana Maria Stahl Zilles, Edair Maria Görski, Luís Isaías C. Amaral entre outros, observamos que estudos acadêmicos deste marcador na fala contemporânea na região de Pelotas se evidenciam como uma lacuna documental à qual o presente projeto pretende fazer frente.

De acordo com Urbano (1999), os marcadores conversacionais podem ser de vários tipos, aparecer em diversas posições e apresentar as mais variadas funções, ainda de acordo com o autor, eles atuam, ao mesmo tempo, como organizadores da interação e encadeadores do texto; ou seja, são elementos imprescindíveis e muito frequentes nas conversações espontâneas, narrativas, entrevistas informais e etc.

Valendo-nos das perspectivas teóricas da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Funcional, neste estudo ansiamos analisar os fenômenos linguísticos (MCs) tanto em aspectos relacionados ao seu uso, quanto em suas relações entre língua e sociedade.

O suporte teórico destas duas correntes justifica-se por meio das mudanças linguísticas que podem ser verificadas em seu aspecto diacrônico e em variações de duas (ou mais) formas alternantes coexistentes (como o caso do MC *né?* em coocorrência com as formas *não é? num é? nu'é? nã? não? não é mesmo? não é isso? não é verdade?*) que podem ser analisadas sincronicamente na língua em uso, cujas fundamentações dependem não só de fatores contextuais, mas também de fatores sociais.

Importante destacarmos que primeiramente, o objetivo de nosso trabalho era investigar conjuntamente três marcadores conversacionais: *né?*, *aí* e *assim*. Porém, no percurso de elaboração do Referencial Teórico e de levantamento quantitativo preliminar, apesar de serem os três MCs mais recorrentes entre os falantes

¹ Organizador do livro: “Variação e Mudança no Português falado na Região Sul”.

analisados, verificamos um distanciamento funcional muito grande entre eles, e optamos, então, por concentrar os estudos no MC *né?* como relataremos brevemente a seguir.

Com uma função primeira de pronome adverbial locativo, o MC *aí* é de uso muito frequente tanto em textos escritos (vários trabalhos diacrônicos apontam este fato) quanto em textos orais (banco de dados VarX deste trabalho).

Oliveira (2009), que analisou vários pronomes adverbiais locativos (*ali, aqui, cá e lá*) em um vasto *corpus* textual (escrito), dentre eles o *aí* ou *ahy* em textos mais antigos, destaca que o seu comportamento como um típico membro da classe adverbial é soberano até o século XVIII. Ainda segundo a autora, embora o *aí* não perca toda sua referência locativa, já no século XIX “... o *aí*... porta marcas de seu uso no português contemporâneo do Brasil – a tendência pré-verbal, a polissemia e etapas de gramaticalização” (OLIVEIRA, 2009, p. 196).

Conforme Martelotta; Votre & Cezario (1996), os locativos adverbiais, em geral, seguem a trajetória de gramaticalização espaço > (tempo) > texto e o *aí* é entendido como um advérbio de lugar que, “... juntamente com outros indicadores espaciais, expressa pontos no espaço em relação à localização dos participantes do ato de comunicação” (MARTELOTTA; RÉGO, 1996, p.133), e neste caso, localiza pontos próximos ao ouvinte, diferentemente do elemento *lá*, por exemplo.

Após o processo de gramaticalização, o *aí*, agora com valor sequencial e funcionando como conectivo, articulador discursivo, perde o sentido espacial anterior e passa a ser usado com sentido temporal, muitas vezes ligado a outros conectivos que dão ideia de tempo.

É o que esperávamos encontrar, por exemplo, no caso do MC *aí*, que por ser um MC muito utilizado, principalmente em narrativas para dar sequência aos tópicos em questão, um grande número de ocorrências no *corpus* VarX, com alta incidência em falantes de classe baixa, por possuírem um menor repertório linguístico e este MC, então, não seria alternado por outros similares tais como: *então, depois, mas e etc.*

De acordo com Martelotta; Nascimento & Costa (1996, p.146), o elemento *assim* sofre os processos de gramaticalização e discursivização. No primeiro caso, ele assume novas funções gramaticais (anafóricas e catafóricas) e no segundo,

passa a exercer também a função de preenchedor de pausa de processamento durante a fala.

Os mesmos autores Martelotta; Nascimento & Costa (1996, p.148) destacam que no português arcaico, já se podia observar o uso de *assim* com funções anafórica e catafórica, sendo este elemento normalmente grafado como *assi*, *asi*, *assy* ou *asy*.

Já no português atual eles destacam que este elemento assume muitas outras funções, todas derivadas das funções encontradas no português arcaico, ressaltam ainda que o uso mais comum de *assim* é como catafórico irrestrito que é quando ele desempenha a função de marcador conversacional.

Com relação ao MC *né?* pretendemos verificar se no corpus do VarX ocorre o mesmo verificado em estudos como o de Martelotta e Alcântara (1996), que justificam a escolha de informantes de segundo ou terceiro grau de escolaridade para o *corpus* de análise de seu trabalho, baseados na maior ocorrência do *né?* em informantes com estes graus de escolaridade no *corpus* do Projeto Integrado Discurso & Gramática ou, se ocorre como em estudos da comunidade de fala de Pelotas como os descritos por Amaral (2003) em que as mulheres utilizam em maior número as formas mais próximas do português-padrão do que os homens ao constatar que elas aplicam mais a concordância verbal de segunda pessoa do singular do que os homens, "... a variação da concordância de segunda pessoa do singular está associada ao gênero do informante: mulheres utilizam mais marcas de concordância do que homens". (AMARAL, 2003, p.16).

Desta forma, neste trabalho, pretendemos identificar qual/quais variáveis são determinantes para a ocorrência do MC *né?* e de suas formas variantes, ou seja, quais fatores são decisivos para o aparecimento de uma ou outra forma.

Também buscamos ratificar se o que se delineia no banco de dados escrito se estende ao banco oral, encontrando as formas variantes mais antigas do MC *né?*, tais como *não é?/não é verdade?* (entre outros) nos indivíduos da faixa etária mais elevada, neste trabalho indivíduos com 50 anos ou +.

Partindo dos pressupostos acima, em relação ao MC objeto de análise do presente trabalho, há indicativos (banco de dados) de que o uso recorrente de um mesmo MC ocorra, em maior quantidade, nos falantes pertencentes à classe baixa devido às suas condições socioeconômicas e, em consequência disso,

apresentarem em suas falas uma menor variabilidade no uso de diferentes marcadores, elevando assim a ocorrência de alguns MCs específicos.

Sintetizando, pelo fato do MC *né?* ser muito frequente é que pretendemos constatar se ele, tal como ocorre em outros casos, é marca identitária de algum grupo específico analisado nesta comunidade de fala, ou se ele é utilizado indistintamente por homens e mulheres, nas diferentes classes sociais e grupos etários.

Numa visão funcionalista, as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico, a linguagem é vista como um sistema não autônomo que surge da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade. Nesta visão, a análise de um fato linguístico leva em conta as escolhas feitas pelos falantes e pelos ouvintes, pressupõe opções, ou seja, variações.

Característicos da fala, os marcadores conversacionais têm alto índice de ocorrência no português brasileiro, às vezes representam 25%² da produção verbal dos interlocutores em situação de fala informal, logo, a análise, atenta às variações extralinguísticas e estilísticas de seus usos, motiva e justifica a análise a que nos propomos.

Desta forma, esperamos encontrar um grande número de ocorrências do Marcador Conversacional/ Discursivo (*né?*) na comunidade de fala que nos propomos analisar, mas esperamos que tanto em relação aos critérios quantitativos quanto em seus aspectos extralinguísticos (variáveis gênero, classe social e faixa etária) e linguísticos (ritmo de fala, tópico, marcas linguísticas de formalidade/informalidade e pausa) do momento de suas produções, esta distribuição deva acontecer de maneira bastante heterogênea.

Com relação à variável tópico, pretendemos verificar se um assunto informal possibilita um maior número de ocorrências tanto do MC *né?* quanto de suas formas variantes e também se esta distribuição ocorre de maneira heterogênea entre as variantes analisadas.

Por meio desta heterogeneidade, pretendemos demonstrar, então, que os Marcadores Conversacionais, cujo uso é muito frequente nas mais diversas situações, estão presentes na fala de todos os indivíduos, nas diferentes faixas

² Ver MARCUSCHI, 1989, p.281.

etárias, classes sociais e níveis de escolaridade, seus usos dependem de fatores sociais e individuais.

No capítulo 2 desta dissertação trataremos da revisão de literatura das correntes teóricas que nos servem de base para todo o trabalho. A Linguística Funcional norte-americana, cujo principal expoente é Talmy Givón (1995), por sua ruptura ao Estruturalismo, em que o uso passa a dar sentido ao sistema linguístico em contraposição à ideia de que os fatos linguísticos são condicionados só e apenas por fatos linguísticos (visão homogeneizante e imanente); e a Sociolinguística Variacionista precursorada por William Labov (1972), centrada nas questões que investigam e relacionam as variações e mudanças linguísticas, aspectos sincrônicos e diacrônicos, atreladas a fatores extralinguísticos.

Sequencialmente, no capítulo metodológico, apresentaremos e descreveremos os dois bancos de dados (escrito e oral) que serão a base de sustentação da análise deste trabalho. Conforme já mencionamos, para a composição do primeiro banco de dados, o escrito, foram selecionadas 24 peças teatrais, de diferentes épocas e autores, a primeira datada de 1842 e a última de 1981, com isto, por meio dos mais variados aspectos: cronológicos, geográficos, funcionais e sociais, e juntamente com o suporte teórico, constituiremos a estrutura necessária para a apresentação dos resultados e realização das análises, estes textos nos auxiliam na construção das hipóteses deste trabalho, no sentido de que nos dão indicativos dos processos de variação/ mudança linguística do MC objeto deste estudo e também, pelas características das personagens, capturamos os aspectos extralinguísticos que envolvem os usos deste MC.

O segundo banco de dados, o oral, é constituído por 36 entrevistas narrativas retiradas do banco de dados VarX, que por sua vez é composto em sua totalidade por 90 entrevistas narrativas sociolinguísticas, controladas por vários indicadores como idade, classe social, escolaridade, sexo e etc. Os dados advindos deste *corpus* (MC *né?*) serão analisados quantitativamente e qualitativamente, sob as perspectivas das teorias do Funcionalismo e da Sociolinguística Variacionista.

No capítulo seguinte, apresentaremos os resultados advindos do levantamento dos dois *corpora* e ainda as análises quantitativa e qualitativa dos dados conseguidos. Os textos teatrais nos ajudam a entender não somente o processo de variação envolvendo o MC *né?* (*não é verdade?/ não é mesmo?/ não é*

assim?/ não?/ não é?), mas também na verificação de quando, como e em que tipo de personagens ele tem seus primeiros usos, ou seja, quais são as características linguísticas e extralinguísticas que envolvem seus aparecimentos e seus usos. Com base nos indicativos do primeiro banco de dados, analisaremos os resultados do banco oral e, a partir das variáveis extralinguísticas, pretendemos, assim, identificar as particularidades próprias dos falares da comunidade de fala da cidade de Pelotas/RS.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 APONTAMENTOS TEÓRICOS

O apoio bibliográfico de nosso trabalho perpassa diferentes disciplinas da Linguística tais como Funcionalismo e Sociolinguística, para depois nos valeremos de estudos mais específicos sobre Sociolinguística Variacionista e Linguística Funcional norte-americana que são possibilidades de pesquisa dentro da área de Estudos da Linguagem.

As diferentes teorias linguísticas, suas várias correntes e as discussões que promovem acerca da dicotomia língua/fala e outros fenômenos linguísticos que precedem os chamados Estudos da Linguagem, também são imprescindíveis e nela dialogam Saussure, Chomsky, Benveniste, Jakobson entre outros.

A partir da década de 1970, assistimos ao surgimento do novo campo de pesquisa em que os estudos de língua falada passam a ser objeto de investigação maciça e sistemática com objetivos que passaram de um ponto de vista de uma perspectiva normativa, para uma perspectiva científica; ou seja, deve ser predominantemente descritiva.

São vários linguistas que se destacam nesta área, no Brasil, podemos indicar Ataliba de Castilho, Luiz Antônio Marcuschi, Dino Preti, Leonor Lopes Fávero, José Luiz Fiorin, Clemlton Lopes Pinheiro, Paulino Vandresen, entre muitos outros que se dedicam aos estudos de língua falada do Português Brasileiro.

Também nessa década (1970), se fortalece o funcionalismo nos Estados Unidos, tendo como características principais refutar alguns princípios que norteiam toda a linguística estrutural que, segundo Givón (1995, apud MARTELOTTA & AREAS, 2003), são: "... a *arbitrariedade* do signo linguístico, a idealização relacionada à distinção entre *langue* e *parole*, e a rígida divisão entre *diacronia* e *sincronia*".

Neste trabalho nos valeremos das perspectivas teóricas da Sociolinguística Variacionista precursorada por William Labov (1972), e da Linguística Funcional

norte-americana cujos principais expoentes são Givón (1995), Hopper e Thompson (2003), entre outros.

2.2 FUNCIONALISMO

No Funcionalismo Contemporâneo, a explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso, com a obrigação de descrever o fenômeno linguístico com base nas relações entre falante e ouvinte, considerando aspectos pragmáticos e semânticos.

Nesta vertente, a estrutura linguística tem que ser capaz de expressar diversas funções comunicativas, caracterizando-se pela investigação dos aspectos e mecanismos funcionais que regem o sistema, focalizando a língua em uso e a competência comunicativa do falante. Desta forma, deve-se explicar a gramática em situações de uso, uma vez que há uma relação muito estreita entre ela e o discurso.

Assim, de acordo com Martelotta & Areas (2003) sugerem-se três tipos de motivação para o signo linguístico: semântica, morfológica e fonética, a partir delas é que os falantes criariam novos “rótulos”, ou seja, utilizando materiais já existentes na língua, “(...) quando se muda o foco de análise para uma abordagem voltada para o uso da língua, observa-se a existência de mecanismos recorrentes, que refletem um processo mais funcional de criar rótulos novos para novos referentes” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p. 25).

Os funcionalistas, de maneira geral, também refutam a rígida divisão entre sincronia e diacronia, tendendo a adotar uma concepção pancrônica de mudança, através de estudos de gramaticalização, pois estes têm demonstrado que “ao lado de fenômenos que mudam com o tempo, existem determinados aspectos que parecem manter-se ao longo da trajetória das línguas” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p.27).

2.2.1 Funcionalismo norte-americano

Num primeiro momento, o termo função foi utilizado para diversos tipos de análise que posteriormente subdividiram-se, segundo Martelotta & Areas (2003), em dois grupos principais: a) pólo formalista e b) pólo funcionalista, já dentro deste último surgem várias escolas distintas, tais como a Escola de Genebra, Escola de Praga e de Londres.

A Linguística nos Estados Unidos vem de uma forte tendência formalista, “entretanto, houve paralelamente uma inclinação para o pólo funcionalista” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p.22) e isto se deu devido a um distanciamento das teorias gerativistas e uma aproximação com a linguística cognitiva, que apresenta como uma de suas principais características a não autonomia da sintaxe, ou seja, “... de acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p.23).

Deste ponto também advém a crítica de Givón (2012) à rígida divisão entre sincronia e diacronia seguida pelos estruturalistas:

É claro que não é um acidente que os dados de variação sincrônica na fala tanto do indivíduo quanto da comunidade acabam se sobrepondo aos dados da mudança diacrônica. Estes dados embaraçosos insistem em se introduzir, repetidamente, no mundo seguro do estruturalista (GIVÓN, 2012, p.306).

Neste mesmo campo da sintaxe, segundo Martelotta & Areas (2003), prevalece a ideia da não-arbitrariedade, uma vez que se acredita que ao proferirmos determinadas sequências como frases e orações na intenção de narrar determinadas ações, não as relatamos de qualquer maneira, nem em qualquer ordem, esta “motivação” é explicada pelos funcionalistas por meio do princípio da *iconicidade*.

O outro princípio relevante para este trabalho é o da marcação e, de acordo com Givón (1995, p.26), “A noção de marcação entrou na linguística estrutural

através da Escola de Praga, inicialmente como um refinamento do conceito de Saussure do valor linguístico em distinções binárias”³.

Givón (1995) admite que uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não-marcada em outro, e acrescenta que, desse modo, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos (CUNHA, COSTA & CEZARIO, 2003, p.34).

Segundo Cunha, Costa & Cezario (2003) estas duas categorias, de estruturas marcadas e não-marcadas, são estabelecidas a partir de três critérios principais:

i. “Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente” (op.cit., p.34). No caso do MC *né?* esta forma seria a não-marcada, e as outras formas variantes encontradas no banco de dados escrito, tais como *não é verdade?/ não é?*, por exemplo, seriam as formas marcadas. Importante salientar que caso tomemos como base a forma *não é?*, em um contexto em que a forma *né?* ainda não apareceu, esta forma seria a não-marcada em relação à forma *não é verdade?*, mais complexa e maior, portanto, marcada.

ii. “Distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente” (op.cit., p.34). Levando em consideração o MC *né?* e suas formas variantes, este princípio pode ser observado tanto sincronicamente quanto diacronicamente, nos dois *corpora* (textual e oral).

iii. “Complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente” (op.cit., p.34). Se levarmos em consideração os outros dois princípios, se a estrutura marcada é mais complexa estruturalmente, e menos frequente é de se esperar que também seja mais complexa cognitivamente, uma vez que o falante deve necessitar de um maior esforço mental para decodificar a informação decorrente desta estrutura (marcada).

Também é importante destacarmos que os três critérios acima apontam tendências e não regras, e “há uma tendência geral, nas línguas, para que esses

³ Do original em inglês: “The notion of markedness entered structural linguistics via the Prague School, initially as a refinement of Saussure’s concept of the *valeur linguistique* in binary distinctions”.

três critérios de marcação coincidam” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p. 34), mas, em alguns casos, isto pode não acontecer, como observaremos nos resultados do banco escrito em que a forma “*não?*” ao cair em desuso e se tornar menos frequente e mais complexa cognitivamente (passa a ser a forma marcada) que a sua forma correspondente “*não é?*”, com relação ao primeiro princípio, referente à complexidade estrutural, é menos complexa, ou, pelo menos, menor que a forma não-marcada “*não é?*”.

Sob essa perspectiva, alguns teóricos, como Hopper & Traugott (2003), passaram a adotar a teoria da gramaticalização, em que os fenômenos relacionados à mudança linguística são observados sob o enfoque de aspectos semântico-pragmáticos. Ainda segundo essa teoria, “... as formas linguísticas têm seus usos estendidos por processos unidirecionais de mudança, motivados pelo uso e por fatores de ordem cognitiva” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p.23). Esses aspectos serão descritos mais adiante, neste mesmo capítulo, com enfoque no Marcador Conversacional (MC) *né?*, objeto de estudo deste trabalho.

2.2.2 Gramaticalização

Segundo Hopper & Traugott (2003, p.19): “Gramaticalização é o estudo de formas gramaticais, porém definidas, não como objetos estáticos, mas como entidades passando por mudanças.”⁴ Ainda de acordo com os autores, este termo foi aparentemente cunhado pelo linguista francês, aluno de Saussure, Antoine Meillet (1912, apud Hopper & Traugott, 2003): “A atribuição de caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma”⁵.

Mas há controvérsias quanto a este fato, Hopper & Traugott (2003) apresentam no capítulo intitulado “*Earlier research of grammaticalization*”⁶ que talvez a proposta mais sofisticada acerca das origens da gramática tenha sido formulada pelo humanista e filósofo alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835) na obra

⁴ Do original em inglês: “*Grammaticalization is the study of grammatical forms, however defined, viewed not as static objects but as entities undergoing change*”.

⁵ Do original em inglês: “*The attribution of grammatical character to an erstwhile autonomous word*”.

⁶ “Pesquisas anteriores de Gramaticalização”.

intitulada “On the genesis of grammatical forms and their influence on the evolutions of ideas”⁷, de 1822:

Ele sugeriu que a estrutura gramatical das línguas humanas foi precedida de um estágio evolutivo da linguagem em que apenas ideias concretas poderiam ser expressas. Gramática, sugeriu ele, evoluiu através de fases distintas da colocação de ideias concretas (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p.19-20)⁸.

A partir da década de 1990, é que os estudos sobre o paradigma da gramaticalização ganham força no Brasil – na UFRJ com o Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, cujos principais nomes são Votre e Martelotta, e no mundo a partir das obras de Heine *et alii* (1991), Hopper & Traugott (1993).

No Brasil, autores como Martelotta, Votre e Cezario (1996) propõem ainda outra distinção e mostram que *gramaticalização* e *discursivização* constituem processos especiais de mudança linguística,

Gramaticalização leva um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. *Discursivização* leva o item já gramaticalizado a assumir função de marcador discursivo, reorganizando o discurso, quando a sua restrição de linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p.6).

Desta forma, segundo os autores acima, deve haver um esforço em cada fenômeno estudado, de testar as propostas de gramaticalização e, nos casos mais avançados do processo de mudança, a proposta de discursivização.

Em síntese, entendemos discursivização como um processo de mudança linguística que basicamente gera marcadores discursivos (sendo a função de preenchedor de pausa a que reflete estágios mais avançados de discursivização, por ser a que menos guarda características dos usos originais) (MARTELOTTA; VOTRE & CEZARIO, 1996, p.36-37).

⁷ “Na gênese das formas gramaticais e sua influência sobre as evoluções de ideias”.

⁸ Do original em inglês: “He suggested that the grammatical structure of human languages was preceded by an evolutionary stage of language in which only concrete ideas could be expressed. Grammar, he suggested, evolved through distinct stages out of the collocation of concrete ideas”.

Estes autores defendem que alguns marcadores discursivos passam primeiro pelo estágio de gramaticalização para depois passar pelo estágio de discursivização como o *assim* (processo léxico>gramática>discurso), por exemplo, e outros como *sabe?/ né?/ entendeu?/ tá?*, provenientes de perguntas (processo léxico>discurso), “...não temos evidências para a ocorrência de um processo de gramaticalização antes da discursivização, pois elementos desse tipo parecem obedecer a tendências analógicas mais gerais” (MARTELOTTA; VOTRE & CEZARIO, 1996, p.38).

Pelo fato dos termos Marcadores Conversacionais e Marcadores Discursivos serem intercambiáveis, pois são usados indistintamente por diversos autores brasileiros como Marcuschi, Urbano, Risso, Martelotta e etc; neste trabalho adotaremos, daqui por diante, o termo Marcador Conversacional (MC). A distinção que faremos será com relação à/às função/funções exercidas pelos MCs, isto decorre, por exemplo, do fato de que poderíamos considerar várias nuances de sentido, por exemplo, em relação ao MC *né?*. Assim, se o objetivo é apenas garantir a posse do turno para si, o falante usa um *né?* com um determinado propósito. Contudo, se ele, além de garantir a posse do turno, quer ver algum sinal do interlocutor de que o está entendendo e/ou seguindo, o falante usará um *não é?/ né?*, este tema será tratado detalhadamente no item 2.2.2.1 Discursivização do *né?*.

2.2.2.1 Discursivização do *né?*

Segundo Martelotta & Alcântara (1996), o MC *né?* sofre um processo de perda semântica e redução fonético-morfológica durante sua trajetória de mudança. O processo de discursivização deste MC pode ser descrito da seguinte maneira:

né? em pergunta não-retórica > *né?* em pergunta secundariamente orientada para a resposta do ouvinte > *né?* como marcador discursivo > *né?* como preenchedor de pausa (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996, p.156, grifos do autor).

Exemplos:

- a) - Inf: ... tudo quanto é criança fazia *né?*

- Doc: sim...
- Inf: então... [VarX 60 (02:08)] – Pergunta não-retórica.

b) - Inf: ... que podia tá num empreguinho *né?*... num emprego direito... [VarX 60 (10:46)] – Pergunta retórica.

c) - Inf: ... tu vê que coincidência *né?* em São Paulo dentro do metrô encontrá um pelotense... [VarX 60 (12:14)] – Marcador Discursivo.

Simplificadamente, o processo de redução fonética deste marcador é descrito da seguinte maneira: ***não é verdade?*** >***não é?*** >***né?*** (MARTELOTTA & ALCÂNTARA, 1996, p.156, grifos do autor). No *corpus* escrito desta dissertação, encontramos outras formas variantes de ***não é verdade?***, tais como ***não é mesmo?*** e ***não é assim?***, indicando que a redução fonética possa vir de qualquer uma das três formas.

2.3 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

2.3.1 William Labov: tipos de narrativas

Labov & Waletzky (1966) propõem uma análise das narrativas partindo do pressuposto que elas são “versões orais de experiências pessoais”⁹ (LABOV & WALETZKY, 1966, p.12). Para a estruturação deste estudo, isto sugere que façamos uma definição das unidades básicas de uma narrativa para depois delinear a estrutura normal da narrativa como um todo.

Eles recomendam ainda que as análises sejam estruturadas de duas maneiras distintas, a análise formal e a análise funcional. Segundo Labov &

⁹ Esta e as demais traduções são da autora. Original em inglês: “... *oral versions of personal experiences...*”.

Waletzky (1966), a análise será formal, com base em padrões recorrentes característicos da narrativa a partir do nível cláusula à narrativa simples completa,

A partir desta análise, é possível obter uma quantidade considerável de informações sobre a sintaxe e semântica do Inglês abaixo do nível da sentença; mas este sentido da pesquisa não será explorado aqui. Nós vamos estar preocupados principalmente com as características da própria narrativa (LABOV & WALETZKY, 1966, p.12)¹⁰.

O *corpus* utilizado neste trabalho bem como a sua avaliação aproxima-se da análise funcional das narrativas, pois

(...) a narrativa será considerada como uma técnica verbal para recapitular experiência, em particular, uma técnica de construção de unidades narrativas que marcam a sequência temporal dessa experiência [...] Normalmente, a narrativa tem uma função adicional de interesse pessoal determinado por um estímulo no contexto social em que a narrativa ocorre¹¹ (LABOV & WALETZKY, 1966, p.13).

Estes mesmos autores ressaltam a importância da diferenciação de dois contextos sociais distintos para trabalharmos com o que eles nomeiam por narrativas gravadas (*tape-recorded narratives*) e que no presente trabalho serão tratadas como entrevistas narrativas que são: o primeiro contexto apresentado é o utilizado neste trabalho e refere-se à entrevista face a face, em que o narrador está falando apenas para o entrevistador, método usado na Sociolinguística Interacional, também é a forma como foram gravadas as entrevistas do banco de dados oral utilizado neste trabalho (VarX); na segunda situação, o indivíduo é registrado na interação com seu grupo, ou seja, o entrevistado não se remete somente ao entrevistador.

¹⁰ Do original: “From this analysis it is possible to derive a considerable amount of information on the syntax and semantics of English below the sentence level; but this direction of research will not be exploited here. We will be concerned primarily with the characteristics of narrative itself”.

¹¹ Do original: “... narrative will be considered as one verbal technique for recapitulating experience, in particular, a technique of constructing narrative units which match the temporal sequence of that experience [...] Normally, narrative serves an additional function of personal interest determined by a stimulus in the social context in which the narrative occurs”.

2.3.2 A variação em Labov

Na Sociolinguística Variacionista, por meio de William Labov, o principal objetivo era de desvendar os mistérios das mudanças linguísticas. Para tanto, investigou e relacionou a mudança (fenômeno diacrônico) com a variação linguística (fenômeno sincrônico).

Segundo Tarallo (2007): alguns sociolinguistas rotulam este modelo de análise que foi proposto por Labov de “sociolinguística quantitativa”, devido ao fato de tratar os dados coletados de forma numérica e estatística.

O ponto de ruptura estabelecido por WLH, em relação aos modelos dialetológicos anteriores e aos modelos estruturalistas vigentes na época, está na concepção de língua como um sistema heterogêneo ordenado, condição *sine qua non* para o estudo da mudança linguística (LABOV; HERZOG; WEINREICH, 2006, p.133).

Temos, então, que “enfrentar o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada” (TARALLO, 2007, p.5)

Entendemos a variável linguística “como um elemento variável interno ao sistema e controlado por uma única regra” (LABOV; HERZOG; WEINREICH, 2006, p.28). Desta maneira, formas coexistentes podem ser conhecidas como “estilos”, “padrões”, “gírias” e etc, e estão “conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala” (LABOV; HERZOG; WEINREICH, 2006, p.97).

Os autores argumentam em favor de que se redesenhe o sistema, além das razões linguísticas para a ocorrência de variações, há também as extralinguísticas, tais como classe social, gênero, faixa etária, escolaridade, raça e etc. Para tanto, buscam uma comunidade de fala para poder descrever e, na ilha de Martha’s Vineyard, deparam-se com três grupos pertencentes a etnias diferentes (ingleses, portugueses e indígenas) em contato; portanto, com situações que não esperavam encontrar.

Além da influência das variáveis extralinguísticas, Labov, a partir de uma macroanálise, defronta-se com situações de escolhas linguísticas dos falantes

decorrentes de identidade ao observar o acirramento do conservadorismo linguístico frente aos veranistas que frequentavam a ilha; nota também movimentos de atitude linguística ao perceber que três informantes moradores da ilha, com intenções de viver no continente, começam a adotar padrões de fala que eles identificam como pertencentes a este continente.

2.3.2.1 Idioleto/Socioleto

Neste ponto, Labov (1972) contesta a teoria de Chomsky de falante-ouvinte-ideal, pois este último analisa o idioleto como se fosse um socioleto. Ao gravarmos um informante, não sabemos quais partes de suas produções remetem ao seu social e quais fazem parte de sua produção individual.

Assim, temos que estabelecer correlações que nos permitam cruzar os dados analisados a fim de identificarmos quais destes dados pertencem ao indivíduo, quais aparecem tanto no indivíduo como na comunidade, bem como quais dados ocorrem somente na comunidade.

Desta maneira, o idioleto possui uma função importante, permite que consigamos identificar as marcas que circulam na sociedade e também nos mostra que além da pressão social há a autonomia do falante (mescla os dois), cabendo ao socioleto a função de estabelecer parâmetros.

2.3.2.2 Estilo e Atitude Linguística

Valendo-nos do pressuposto de que todos os conceitos anteriores estão entrelaçados, o estilo seria, de forma simplificada, o uso intencional e individual de determinados elementos (variações) que seriam escolhidos em detrimento de vários

outros existentes. Essa escolha também é motivada pelos mais variados fatores, como o contexto de produção linguística, o interlocutor e o tópico discursivo que, dependendo da situação, aumentam ou diminuem o monitoramento do indivíduo.

Desta feita, não trataremos a questão estilística da maneira como aparece em Bourdieu (1996, p.25), para quem o estilo é "... um desvio individual em relação à norma". Ao contrário, ele decorre de uma escolha individual determinada por vários fatores sociais; esta "personalização" da fala, como a escolha do uso de um determinado Marcador Conversacional (MC), advém de uma gama de opções encontradas no social, na comunidade de fala.

Autores como Baugh (1987) e Labov (2001) ressaltam a importância do contexto na produção oral dos falantes:

Em geral, mudança de estilo está relacionada com o grau de consciência social de uma variável linguística por membros da comunidade, que por sua vez é baseado no nível de abstração nas estruturas envolvidas (LABOV, 2001, p.86)¹².

Sem entender completamente o processo, eu estava começando a associar diferentes estilos linguísticos com várias situações sociais; a linguagem das ruas não era a mesma usada em casa, que também foi distinguível da linguagem na igreja ou na escola (BAUGH, 1987, p. 235)¹³.

Este último autor divide a comunidade de fala norte-americana em três tipos de populações linguísticas: a primeira engloba os falantes nativos que dominam a variedade padrão (*standard English*); a segunda, composta por falantes nativos de variedade não-padrão (*nonstandard English*); por último, estariam os falantes não nativos usuários de variedade não-padrão. De acordo com esta classificação, dependendo de onde o indivíduo se encaixa é a forma como será tratado.

Esta dimensão situacional do poder linguístico em contexto social é o objeto das observações de Baugh (1987), ele relata que *status* social e comportamento linguístico estavam estreitamente relacionados ao constatar que o inglês *standard* era o dialeto dos mais ricos e poderosos.

¹² Do original em inglês: "*In general, style-shifting is related to the degrees of social awareness of a linguistic variable by members of the community, which in turn is based on the level of abstractness in the structures involved*".

¹³ Do original em inglês: "*Without fully understanding the process, I was beginning to associate different linguistic styles with various social situations; the language of streets was not the same as language at home, which was also distinguishable from language at church or school*".

Ressaltamos que mesmo dependendo da associação de vários fatores estruturais e sociais, os MCs são fenômenos muito frequentes na comunicação dos mais diversos grupos de falantes.

A mudança linguística, assim, não ocorre exclusivamente por causa de fatores internos, imanentes, inerentes à língua como sistema: ela também apresenta uma forte *motivação social*, cuja desconsideração impede a compreensão mais ampla do fenômeno da linguagem humana em sua complexidade (NASCIMENTO, 2008, p.39).

Considerando todos estes fatores e com base nas teorias da Linguística Funcional e da Sociolinguística Variacionista é que será analisado o Marcador Conversacional/Discursivo *né?* na comunidade de fala de Pelotas/RS (VarX).

2.4 MARCADORES CONVERSACIONAIS/MARCADORES DISCURSIVOS

Segundo Urbano (1999, p.85): “... os MCs são elementos muito frequentes, típicos (mas não exclusivos) da oralidade e atuam na articulação de textos.” Ainda segundo o autor, podemos dividi-los em dois grupos mais gerais que são: - “marcadores não verbais ou para-linguísticos, como gestos, olhares, risos e etc” (op. cit., p.85), estes elementos podem substituir palavras, explicar ou reforçar o que se está dizendo; - “marcadores verbais ou linguísticos, que se apresentam de três maneiras distintas: não lexicalizados, em que as pessoas apenas articulam sons; prosódicos, representados por pausas e alongamentos; e lexicalizados, que são formados por palavras” (op. cit., p.85).

Os MCs verbais lexicalizados são compostos das mais variadas formas e podem ser sistematizados de várias maneiras. Optamos aqui pela divisão feita por Urbano (1999, p.87). O autor faz uma subdivisão em quatro grupos:

1) “Marcadores simples: realizados por apenas uma só palavra, seja ela de qualquer classe gramatical (advérbio, adjetivo, etc).” (op. cit., p.87). Ex: *aí, assim, né?, então.*

- 2) “Marcadores compostos ou complexos.” (op. cit., p.87). Ex: *quer dizer, aí então*.
- 3) “Marcadores oracionais: correspondentes a pequenas orações.” (op. cit., p.87). Ex: *acho que*.
- 4) “Marcadores combinados: juntam dois ou mais marcadores supracitados.” (op. cit., p.87). Ex: *mas acho que, não é verdade?, não é mesmo?*.

Ao observarmos os MCs nas transcrições, notamos como bem argumenta Urbano, que “trata-se de vocábulos que, embora esvaziados do conteúdo semântico original, valem aqui como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor” (Urbano, 1999, p. 87). Pode-se dizer, então, que o grande destaque para a função do MC verbal lexicalizado é o seu valor interacional/discursivo; eles são estratégicos para o falante “testar” a atenção e/ou envolvimento de seu(s) interlocutor(es).

Segundo Andrade, Aquino & Fávero (2009, p.44), os MCs prosódicos abrangem contornos entonacionais (ascendente, descendente, constante); as pausas, a velocidade, o ritmo, os alongamentos de vogais etc.

Segundo as autoras, como decorrência principalmente dos marcadores verbais não lexicalizados e dos marcadores prosódicos, pode-se observar, no turno dos falantes, a ocorrência de reformulações dentre as quais se destacam as correções/autocorreções e as repetições de frases ou palavras originadas de pausas que indicam tanto momentos de hesitação como planejamento textual, já no intuito de reiterar ideias e de facilitar a intercompreensão.

Marcuschi (1999, p.68) propõe ainda uma classificação posicional dos MCs, segundo ele, os MCs podem ser *pré-posicionados* e aparecerem no início de turno ou no início de UC (Unidade Comunicativa), ou ainda podem ser *pós-posicionados* e aparecerem no final de turno ou no final de UC. Ele ainda propõe uma análise funcional dividida em basicamente dois critérios: (a) funções conversacionais (interacionais) e (b) funções sintáticas (intratextuais).

Juntamente com aspectos de gramaticalização que envolve os Marcadores Conversacionais, podemos elencar vários outros estudos que tratam de seus diferentes usos como, por exemplo, a distinção feita por Urbano (1999) entre marcadores “sequenciadores de tópico” e marcadores “orientadores da interação”

em que são tratados aspectos interacionais dos MCs, cujas funções diferem totalmente das apontadas nas Gramáticas Tradicionais. Também podemos relatar o estudo detalhado de Risso (2006) que trata especificamente de uma parcela dos MCs por ela definidos como “marcadores discursivos basicamente sequenciadores: ... *agora, então, bom, bem, olha, ah.*” (RISSO, 2006, p.429, grifo da autora).

Seguindo a classificação feita por Urbano (1999) já descrita anteriormente, as pausas fazem parte do grupo dos marcadores verbais não lexicalizados e são elementos relevantes para a análise do banco de dados oral deste trabalho.

Poucos estudos versam sobre este tema:

O fenômeno das pausas e das hesitações foi ignorado, em geral, pelos linguistas, preocupados, por um lado, com a descrição dos sistemas linguísticos e, por outro, com a competência de um sujeito falante-ouvinte ideal. Em ambos os casos ocorria uma “higienização”, seja dos corpora a serem analisados, seja das sentenças que eram geradas por um conjunto finito de regras que ignorava os problemas frequentes na atuação dos indivíduos sujeitos a falhas de memória, indecisões ou falsas partidas (ARALDI & SCLIAR-CABRAL, 2001, p. 41-42).

As autoras ainda ressaltam o fato de que as pausas podem ser vazias ou plenas, e que nem sempre elas coincidem com a pontuação, “... nem sempre as pausas coincidem com os limites dos constituintes maiores, ou seja, não são determinadas exclusivamente por fatores de ordem sintática.” (ARALDI & SCLIAR-CABRAL, 2001, p. 43).

Segundo Goldman-Eisler (1972, apud ARALDI & SCLIAR-CABRAL, 2001) podemos ainda atribuir três funções para as pausas: a fisiológica, a cognitiva (planejamento) e a comunicativa.

As pausas normalmente indicam momentos de planejamento textual e/ou hesitação, “... podem ser curtas, médias ou longas e constituem fator decisivo na organização do texto conversacional” (ANDRADE, AQUINO & FÁVERO, 2009, p. 45) elas podem dar pistas ao interlocutor, indicar, por exemplo, se sua produção é uma pergunta retórica ou não retórica, entre outros fatores. Destacamos o fato de que a maioria dos estudos sobre as pausas se dão nos campos da Análise da Conversação (são muito associadas às trocas de turno) e da Psicolinguística, (relacionadas à aquisição da linguagem) e nossa dissertação irá associá-las à análise sociolinguística.

Com base nesses pressupostos teóricos e centrado no tema e objetivos de nosso trabalho é que descreveremos, no capítulo a seguir (metodologia), os dois bancos de dados (textual e oral) que sustentarão nossas análises e considerações e que ratificarão total ou parcialmente nossas hipóteses.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo metodológico de nosso trabalho detalharemos os dois bancos de dados que constituem o *corpus* deste projeto, dividindo-o em dois subcapítulos principais que são os textos teatrais (item 3.1) e os dados de fala (item 3.2).

De acordo, com as concepções teóricas adotadas no presente trabalho, para a primeira parte, composta pelo banco de dados escrito, enumeramos uma série de peças de teatro, de vários autores, de várias épocas e de diferentes regiões, objetivando documentar o aparecimento da forma *né?* uma vez que esta apresentação é recente, mas outras formas variantes ocorreram/ocorrem com a mesma função.

Apresentados em ordem cronológica, os textos teatrais, apesar de apresentarem-se na forma escrita, refletem a percepção do autor do estágio da língua na época em que os diálogos têm ocorrência, logo presumimos que as escolhas do autor devem, "... projetar um diálogo que estilize a oralidade (...), fazer o leitor acreditar naquilo que lê como se fosse a própria realidade, descortinada diante de seus olhos..." (LEITE, 2009: 75).

Desta maneira, diante da impossibilidade de obtermos gravações de fala das épocas descritas anteriormente, estes textos podem ser utilizados como indícios dos usos orais de cada época, com ressalva para o fato de que esses usos levam em consideração os aspectos extralinguísticos, discursivos e estilísticos do momento de sua produção.

Segundo Barros (2008) essa espontaneidade em textos escritos deriva da presença de traços de informalidade, assim como os presentes nas conversações espontâneas, com marcas de planejamento local, tais como pausas, repetições de palavras, uso de marcadores conversacionais, gírias, etc., características estas que podem ser observadas parcial ou totalmente nos textos selecionados.

Para a constituição da segunda parte desta metodologia, selecionamos, ouvimos e transcrevemos 36 entrevistas pertencentes ao banco de dados VarX, com o intuito de sistematizar, por meio de dois amplos bancos de dados – escrito e oral – o estudo do MC *né?*

Desta maneira, atrelamos estudos de gramaticalização, segundo a perspectiva de Martelotta (2003), pois o MC objeto de análise deste trabalho sofreu/sofre mudanças e/ou variações lexicais, morfológicas, fonológicas e ainda semânticas; à perspectiva da Sociolinguística, em que vários estudos¹⁴ apontam usos distintos dos Marcadores Discursivos tanto com relação ao gênero, classe social, faixa etária e etc., mas todos eles demonstram que eles ocorrem em todas as comunidades de fala indistintamente¹⁵.

Ou seja, este aspecto será tratado sob o ponto de vista panorâmico com o intuito de perceber tanto variações que se converteram ou não em mudanças, quanto os aspectos extralinguísticos determinantes para estas ocorrências ou coocorrências.

3.1 TEXTOS TEATRAIS (BANCO ESCRITO)

Para a investigação deste processo de variação do MC *né? - não é verdade?/ não é mesmo?/ não é assim?/ pois não é?/ não é?/ não?/ né?*- buscamos apoio em textos teatrais de diversos autores entre eles Martins Pena, Machado de Assis, João Simões Lopes Neto, Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Caio Fernando Abreu e Ivo Bender com o objetivo de realizar, a partir de um levantamento sistemático de dados, o mapeamento da aparição (se sim, quando) ou não dos termos supracitados.

A seguir apresentaremos os autores acima divididos por época e base dialetal, neste último ponto consideraremos paulistas e gaúchos como pertencentes ao mesmo *continuum* dialetal (Sulista):

¹⁴ Ver Bezerra & Gradoville. <BEZERRA, Lígia; GRADOVILLE, Michel. A influência do gênero no uso de dois marcadores discursivos em elocuições formais. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes (Org.). **Estudos sobre a língua culta falada em Fortaleza**: explorando dados do porcufoort. Fortaleza: Tipogresso, 2010. pp.185-213.>

¹⁵ Fonte: bancos de dados VarX.

Quadro 1 – Textos teatrais utilizados, organizados por período da produção dramatúrgica, estilo e dialeto materno do autor.

Século	Autor	Nº de textos	Período compreendido	Dialeto do autor	Estilo
XIX	Martins Pena	3	1830-1859	carioca	Formal
	Machado de Assis	8	1860-1899	carioca	Formal
	João Simões Lopes Neto	2	1894-1898	gaúcho	Informal
XX	Nelson Rodrigues	3	1940-1959	carioca	Distenso
	Plínio Marcos	4	1950-1979	paulista	Distenso
	Caio Fernando Abreu	3	1970-1985	gaúcho	Formal
	Ivo Bender	2	1970-1985	gaúcho	Informal
Total de textos analisados		25			

Foram analisados 25 textos, relativos a 24 peças dos autores mencionados no Quadro 1, cujas publicações ocorreram depois de 1830, pois como ressaltam alguns autores: “Começa verdadeiramente na década de 30 do século XIX a existência concreta do teatro brasileiro, como Decio de Almeida Prado o compreende, isto é, como um sistema integrado por autores dramáticos, peças, atores e público” (FARIA, 1999, p.344).

Somente a partir de 1808 com o estabelecimento da família real no Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1822 com a Independência do Brasil é que o teatro brasileiro ganhou espaço e passou a desvincular-se do teatro português. Segundo Aguiar (2001), podemos listar alguns acontecimentos que marcaram e contribuíram para esta nacionalização do teatro brasileiro:

Em 1833 forma a Companhia Dramática Nacional, a primeira composta somente por atores brasileiros e a ter salários fixos. Esta companhia foi responsável pela encenação das primeiras tragédias e comédias brasileiras, ambas em 1838, *Antônio José da Silva* ou o *Poeta da Inquisição* de Gonçalves de Magalhães e Juiz de Paz na Roça de Luís Carlos Martins Pena, respectivamente (AGUIAR, 2001, p. 9).

Partindo do pressuposto de que os diálogos e as narrativas encontrados nas peças teatrais retratam uma geração por meio dos mais variados recortes; podemos, através das ações, dos elementos narrativos (coro, monólogo, prólogo e etc.) e dos personagens apresentados, delinear contextos sociais, econômicos e políticos de determinados períodos, bem como esboçar como falavam as pessoas de cada

época, por meio das características extralinguísticas das personagens: gênero, classe social, idade e local em que vivem.

Como bem descreve Anatol Rosenfeld:

(...) O teatro, portanto, não é literatura, nem veículo dela. É uma arte diversa da literatura. O texto, a peça, literatura enquanto meramente declamados, tornam-se teatro no momento em que são representados, no momento, portanto, em que os declamadores, através da metamorfose, se transformam em personagens. (...) No teatro são os atores/personagens (seres imaginários) que medeiam a palavra. Na literatura a palavra é a fonte do homem (das personagens). No teatro o homem é a fonte da palavra (ROSENFELD, 2000, p. 21-22).

Pelos mais variados motivos, além da cronologia, é que elencamos estes autores: Martins Pena, por sua linguagem popular; Machado de Assis, pelos diversos tipos representados em suas peças; João Simões Lopes Neto, que trata dos desvios de caráter da sociedade; Nelson Rodrigues, por suas críticas aos valores morais da sociedade de sua época; Plínio Marcos, por retratar em suas obras indivíduos marginalizados, e ainda, Caio Fernando Abreu e Ivo Bender, por um teatro mais voltado para a elite permitindo, assim, a realização do levantamento bem como o contraste que pretendemos estabelecer. Vamos a eles.

3.1.1 Martins Pena (1815-1848)

Luís Carlos Martins Pena foi um grande comediógrafo do Romantismo brasileiro, alcançou grande sucesso perante o público da época, pois tanto a linguagem quanto o ambiente de suas peças "... são predominantemente populares e retratam de forma viva e pitoresca o Rio de Janeiro da época" (TUFANO, 1990: 107).

3.1.1.1 O Juiz de Paz da Roça (1842)¹⁶

Esta peça é uma comédia em um ato, composta por várias cenas e que se passa em dois cenários predominantes, na roça, numa situação cotidiana familiar e, na segunda condição, na rotina de trabalho de um Juiz de Paz e seu escrivão, todas as cenas se passam no Rio de Janeiro.

PERSONAGENS: Juiz de Paz, Escrivão, Manuel João – Lavrador, Maria Rosa (mulher de Manuel João), Aninha (filha), José da Fonseca (namorado de Aninha), Inácio José, José da Silva, Francisco Antônio, Manuel André, Sampaio (Lavradores), Tomás, Josefa Joaquina, Gregório e Negros escravos que não são nomeados.

3.1.1.2 O Judas em Sábado de Aleluia (1846)¹⁷

Esta é uma comédia em um ato e a cena se passa no Rio de Janeiro, no ano de 1844.

PERSONAGENS: José Pimenta (cabo-de-esquadra da Guarda Nacional), suas filhas Chiquinha e Maricota, Lulu (10 anos), Faustino (empregado público), Ambrósio (capitão da Guarda Nacional), Antônio Domingos (velho, negociante), quatro meninos e dois moleques.

¹⁶ Disponível em: <<http://linklivros.blogspot.com.br/2009/07/pecas-teatrais-de-martins-pena.html>>, acesso em mar. 2014.

¹⁷ Idem nota 4.

3.1.1.3 O Noviço (1856)¹⁸

Esta peça é uma comédia em três atos e todas as cenas se passam no Rio de Janeiro, dentro da casa em que vivem Ambrósio, Florência, Emília e Juca. Comédia que retrata e satiriza uma sociedade de aparências da primeira metade do século XIX por meio do personagem central Ambrósio que convence Florência a mandar os dois filhos e o sobrinho para o convento, com a intenção de não repartir a herança do primeiro marido de Florência; este personagem é, ao mesmo tempo, bígamo e moralista.

PERSONAGENS: Ambrósio (marido), Florência (a “outra esposa”), Emília (filha do primeiro casamento de Florência), Juca - 9 anos (filho do primeiro casamento de Florência, irmão de Emília), Carlos - noviço da Ordem de S. Bento (sobrinho de Florência e namorado de Emília), Rosa (“a esposa” de Ambrósio), Padre - Mestre (dos Noviços), Jorge, José (criado), meirinhos, soldados.

3.1.2 Machado de Assis (1839-1908)¹⁹

Todas as oito peças selecionadas para a composição deste *corpus* são comédias, mas em algumas delas são retratadas situações cotidianas informais, em outras a condição é mais formal, seja pelo ambiente em que ocorrem as cenas, seja pelas características das personagens; todos estes fatores são importantes para a verificação da ocorrência, ou ausência do MC *né?*, neste caso representado por suas formas mais arcaicas como: *não é mesmo?/ não é verdade?/ não é?/ não?*

¹⁸ Idem nota 4.

¹⁹ Todas as peças analisadas deste autor foram retiradas do sítio <www.dominiopublico.gov.br>, acesso em fev. 2014.

3.1.2.1 Hoje avental, amanhã luva (1860)

Comédia em um ato imitada do francês por Machado de Assis, ambientada no Rio de Janeiro durante o Carnaval de 1859.

PERSONAGENS: Durval, Rosinha e Bento.

Ambiente: uma sala elegante composta por: piano, canapé, cadeiras, uma jarra de flores em uma mesa à direita alta. Portas laterais no fundo.

3.1.2.2 Desencantos (1861)²⁰

Peça dedicada a Quintino Bocaiúva, composta por Parte I (sete cenas) e Parte II (oito cenas). As cenas da Parte I se passam na cidade de Petrópolis, em um jardim, com uma sacada ao fundo, já as da Parte II acontecem na Corte, em uma sala na casa de Pedro Alves.

PERSONAGENS: Clara de Souza, Luís de Melo, Pedro Alves e Criado.

3.1.2.3 As Forças Caudinas (1863)²¹

É uma comédia em dois atos, a cena passa-se em Petrópolis/RJ. Segundo o organizador do livro *Contos sem data*, Magalhães Júnior (1956: 167), esta peça foi escrita entre 1863 e 1865.

PERSONAGENS: Tito, Ernesto Seabra, Aleixo Cupidov (Coronel Russo), Emília Soares (Viúva), Margarida Seabra, Um Correio.

²⁰ Publicado originalmente por Paula Brito, Rio de Janeiro, 1861.

²¹ Publicado originalmente em *Contos Sem Data*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

3.1.2.4 Quase Ministro (1862)²²

Esta comédia foi escrita para ser representada em um sarau literário e artístico em 1862 e 1864 é a data da primeira publicação, a ação é no Rio de Janeiro (sala em casa de Martins).

PERSONAGENS: Luciano Martins (deputado), Doutor Silveira, José Pacheco, Carlos Bastos, Mateus, Luís Pereira, Müller, Agapito.

3.1.2.5 Os deuses de casaca (1866)²³

Comédia em ato único composto por treze cenas, publicada em livro e dedicada a José Feliciano de Castilho. Ao que parece, a peça foi encomendada e lhe foi imposta a seguinte condição:

Uma das condições impostas ao autor desta comédia, e ao autor do *Luís*, era que nas peças não entrassem senhoras. Daqui vem que o autor não pôde como lhe pedia o assunto, fazer intervir as deusas do Olimpo no debate e na deserção dos seus pares. Os que conhecem estas coisas avaliarão a dificuldade de escrever uma comédia sem damas. Era menos difícil a Garrett e a Voltaire, pondo em ação as virtudes romanas e as lutas civis da república dispensar o elemento feminino. Mas uma comédia sem damas para entreter os convivas de uma noite, cujos limites eram uma variação de piano e o serviço de chá, é coisa mais fácil de ler que de fazer (ASSIS, 1866, p. 1).

PERSONAGENS: Prólogo, Epílogo, Júpiter, Marte, Apolo, Proteu, Cupido, Vulcano e Mercúrio.

²² Publicada originalmente na *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1864.

²³ Publicado originalmente pela Tipografia do Imperial Instituto Artístico, Rio de Janeiro, 1866.

3.1.2.6 O bote de rapé (1878)²⁴

Comédia em sete colunas que mostra o vício de Tomé em cheirar rapé e seu devaneio ao conversar com seu próprio Nariz sobre a demora de Elisa em trazê-lo. Ela faz várias compras pela Rua do Ouvidor e, ao chegar em casa e mostrar todas as compras ao marido percebe que se esqueceu do único pedido feito por ele.

PERSONAGENS: Tomé, um Relógio na parede, Elisa (mulher de Tomé), o Nariz de Tomé, um caixeiro.

3.1.2.7 Tu, só tu, puro amor (1880)²⁵

Peça que se passa na corte portuguesa e o tema central dessa comédia é o amor proibido entre Catarina e Luís. Caminha delata ao pai de Catarina, Antônio de Lima, um encontro da filha deste com Camões; este fato gera uma punição a Luís: faz com ele seja desterrado e siga em uma aventura pela África.

PERSONAGENS: Camões, Antônio de Lima, Caminha, D. Manuel de Portugal, D. Catarina de Ataíde, D. Francisca de Aragão.

3.1.2.8 Não consulte médico (1899)

Comédia em um ato, composta por 14 cenas. O ambiente é um gabinete em casa de Magalhães, na Tijuca. D. Leocádia, tia de Magalhães, é uma grande médica de doenças morais, depois de curar Magalhães e Adelaide casando-os, trata de curar Cavalcante e Carlota da mesma maneira.

²⁴ Publicado originalmente em *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1878.

²⁵ Publicado originalmente em *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1880.

PERSONAGENS: D. Leocádia, D. Carlota, D. Adelaide, Cavalcante, Magalhães.

3.1.3 João Simões Lopes Neto (1865-1916)

Nasceu em Pelotas/RS, cidade em que iniciou os estudos. Ainda jovem, foi completar os estudos no Rio de Janeiro, retornando à sua terra natal por volta de 1884²⁶. Foi escritor e empresário, escreveu muitos contos, lendas, poemas e algumas peças de teatro, dentre elas, *A Viúva Pitorra* (em duas versões), descrita a seguir.

3.1.3.1 A Viúva Pitorra (1898)²⁷ – Duas versões

A) Texto um

Pitorra, a personagem central desta peça de ato único e 22 cenas, está saindo oficialmente do luto de seu segundo marido, tem Cidreira como pretendente, quando descobre que o pretendente de sua irmã Eulâmpia, também viúva, é, na verdade, seu primeiro marido, que havia ido para a guerra, mas não morreu, e que era pai de seu filho Tônico.

PERSONAGENS: Ramão (40 anos, extremamente barbado, depois cavanhaque), Cidreira- texto um/Juca- texto dois (24 anos, tipo comum, pá virada), Tônico (12 anos, língua pegada), Eulâmpia (36 anos, pretensiosa) e Pitorra (30 anos, pretensiosa)²⁸.

²⁶ Informações retiradas do site <<http://www.joaosimoelopesneto.com.br/>>, acesso em mar. 2014.

²⁷ Ano em que foi editada, já havia sido apresentada pelo autor em 1896, representada pelo grupo cênico do Clube Caixeiral.

²⁸ Descrição das personagens feitas pelo autor da peça.

B) Texto dois

O texto dois contém algumas alterações tanto na fala das personagens como também na estrutura do texto. É uma peça em ato único, composta por 20 cenas no total, dispostas da seguinte maneira: 19 cenas, numeradas, mais uma cena final intitulada “*Cena muda*”. O nome da personagem Cidreira passa a ser Juca.

3.1.4 Nelson Rodrigues (1912 – 1980)

Nascido em Pernambuco, passou a maior parte da vida no Rio de Janeiro, escritor e jornalista, marcado por várias tragédias pessoais, suas obras foram de grande importância para o teatro brasileiro.

Além da morte,

Outro tema que faz parte da maioria das peças de Nelson Rodrigues diz respeito à concepção de família, em que há um abismo entre o nível da aparência e o nível da realidade, porque as famílias são, em geral, retratadas de maneira harmoniosa e feliz, o que constitui o plano das aparências (...) (GERAB, 2008, p. 27).

3.1.4.1 A mulher sem pecado (1941)²⁹

Peça psicológica em que a personagem principal, Olegário, vive um dilema interior acerca da possível infidelidade de sua esposa Lídia.

PERSONAGENS: OLEGÁRIO (paralítico e marido de Lídia), INÉZIA (criada), D. ANINHA (doida pacífica, mãe de Olegário), UMBERTO (chofer), VOZ INTERIOR (Olegário), LÍDIA (esposa de Olegário), JOEL (empregado de Olegário), MAURÍCIO (irmão de criação de Lídia), D. MÁRCIA (ex-lavadeira e mãe de Lídia), MENINA (Lídia aos dez anos), MULHER (primeira esposa de Olegário, já falecida).

²⁹ Esta peça foi retirada do sítio <www.oficinadeteatro.com>, acesso em fev. 2014.

3.1.4.2 Vestido de Noiva (1943)³⁰

Tragédia em três atos, classificada como uma peça psicológica com o cenário dividido em três planos: 1º plano: alucinação; 2º plano: memória; 3º plano: realidade.

PERSONAGENS: Alaíde, Lúcia, Pedro, Madame Clessi (cocote de 1905), Mulher de véu, Primeiro repórter (pimenta), Segundo repórter, Terceiro repórter, Quarto repórter, Homem inatural, Mulher inatural, Segundo homem inatural, O limpador (cara de Pedro), Homem de capa (cara de Pedro), Namorado e assassino de Clessi, Leitora do "diário da noite", Gastão (pai de Alaíde e de Lúcia), D. Lígia (mãe de Alaíde e de Lúcia), D. Laura (sogra de Alaíde e de Lúcia), Primeiro médico, Segundo médico, Terceiro médico, Quarto médico, Mulher da "paciência", Dançarina (lupanar), Terceira mulher (lupanar) e Quatro pequenos jornalheiros.

3.1.4.3 A Falecida (1953)³¹

Farsa trágica em três atos centrada no subúrbio carioca, com personagens doentes, fracassados, tristes e viciados.

PERSONAGENS: Madame Crisálida, Zulmira, Tuninho, Menino, 1º Funcionário, Timbira, 2º Funcionário, Oromar, Pimentel, Chofer, Parceiro nº 1, Parceiro nº 2, Dr. Borborema, Cunhado, Pai e Vizinha.

³⁰ Esta peça foi retirada do site <semac.piracicaba.sp.gov.br/ceta/vestidodenoiva.pdf>, acesso em fev. 2014.

³¹ Idem nota 13.

3.1.5 Plínio Marcos (1935-1999)³²

Nascido em Santos-SP, sua principal dificuldade quando criança era a escola, seu pai tentou a todo custo arrumar-lhe uma profissão, foi funileiro, vendedor de livros, trabalhador no cais do porto, até finalmente seguir o viés artístico ao começar a trabalhar como palhaço num circo.

3.1.5.1 Barrela (1958)

Primeira peça do autor teve sua estreia em 1º de novembro de 1959, em Santos, local de nascimento do autor. A cena se passa dentro da cela de um presídio, todos os personagens são companheiros de cela.

PERSONAGENS: Fumaça, Tirica, Bereco, Bahia, Portuga.

3.1.5.2 Navalha na Carne (1967)

Peça em um ato. O cenário é descrito pelo autor como “um sórdido quarto de hotel de quinta classe” (MARCOS, 2010: 138) e nele conversam Neusa Sueli (prostituta), seu marido-cafetão chamado Vado e Veludo, garoto de programa viciado em drogas.

PERSONAGENS: Vado, Neusa Sueli, Veludo.

³² Para maiores informações sobre a vida e obra do autor, acessar <<http://www.pliniomarcos.com/index2.htm>>.

3.1.5.3 O abajur lilás (1969)

O ambiente desta peça é um prostíbulo em que são retratadas as relações entre Giro, um cafetão homossexual, seu assistente Oswaldo e as três prostitutas Dilma, Célia e Leninha.

PERSONAGENS: Giro, Oswaldo, Dilma, Célia e Leninha.

3.1.5.4 Querô, uma reportagem maldita (1979)

Querô é um marginal, matador de tira (policial), que está agonizando. Ju, chama então um repórter para que ele conte a sua versão acerca dos crimes que cometeu.

PERSONAGENS: Querô, Repórter, Violeta, Tainha, Prostituta 1, Policial 1, Ju, Nelsão, Pianista, Prostituta 2, Policial 2, Delegado e Sarará.

3.1.6 Caio Fernando Abreu (1948-1996)

Nascido em Santiago/RS, em 1948, Caio Fernando Loureiro de Abreu foi escritor e jornalista, perseguido pelo regime militar, morou em vários países europeus. Retornando ao Brasil, viveu em diversas cidades, até se estabelecer na casa dos pais, ao descobrir ser portador do vírus HIV.

3.1.6.1 Sarau das 9 às 11 (1976)

Peça composta por três partes diferentes (três Quadros): na primeira, aparecem monólogos entrecruzados das personagens, não há diálogos; a segunda parte é composta por um monólogo narrativo; e a terceira, onde encontramos uma ocorrência de *não é?*, há um diálogo entre uma dona de casa e seu cunhado, denominados de A e B, respectivamente.

PERSONAGENS: Madame de Alencastro, Monge do Restelo, Baby, Deborah, Bóris – um homem-tronco, Ego.

3.1.6.2 Pode ser que seja só o leiteiro lá fora (1976*)³³

O cenário desta peça é a sala de uma casa abandonada, cheia de entulhos e móveis quebrados. A fala das personagens às vezes são trechos de músicas, outras vezes aparecem em inglês, além de Angel, um argentino, cujas falas são em castelhano.

PERSONAGENS: João, Leo, Baby, Mona (Carlinha baixo-astral), Rosinha, Alice Cooper, Angel. Segundo o autor todas as personagens são muito jovens, têm entre 20 e 30 anos.

3.1.6.3 Reunião de família (1984)

Drama centrado numa reunião de família em que se alternam diálogos do presente e do passado resgatando experiências vividas pelas personagens na infância. São três irmãos adultos, órfãos de mãe, marcados pela crueldade,

³³ Data provável da publicação desta peça, por este motivo utilizaremos um “*”(asterisco) sempre que nos referirmos a ela: (1976*).

grosseria e pela falta de afeto de um pai opressor e autoritário chamado por um dos filhos, Renato, de professor. No tempo presente os familiares passam por mais alguns dramas familiares: a morte do filho de Evelyn e Bruno, Cristiano, e a doença do professor.

Peça longa, disposta da seguinte maneira: I Ato – 15 cenas e II Ato – 19 cenas.

PERSONAGENS: Alice, Alice menina, Aretusa, Aretusa menina, Evelyn, Evelyn menina, Renato, Renato Menino, Bruno, Marido de Alice, Professor (pai), Filho de Alice, Berta, Padre, Enfermeiro de Corália, Mãe de Alice e Corália.

3.1.7 Ivo Bender (1936 -)

Nascido em São Leopoldo/RS, é um dramaturgo com obras de grande repercussão teatral sul-rio-grandense e brasileira. Valendo-se do teatro do absurdo juntamente com a crítica social, “... a leitura de sua obra revela que o autor busca o equilíbrio do cênico, (...), com o literário, mediante a construção de uma linguagem simbólica, em que ironia e humor são a nota principal.”(BENDER, 2005:8).

3.1.7.1 Quem roubou meu Anabela? (1972)

Comédia em um ato que trata de questões conjugais, utilizando, segundo Bender (2005:9), “elementos típicos da literatura fantástica”; desta forma o autor tenta driblar a censura vigente na época.

PERSONAGENS: Valéria, Genciana, Jasmim, Umberto Marcosso.

3.1.7.2 O cabaré de Maria Elefante (1981)

Peça longa, cômica, composta por vários núcleos, todos independentes uns dos outros.

PERSONAGENS: Claudionor (o apresentador), Panther Boy (o gigolô), Tianta (maga da Birmânia), Seu Nicanor (um operário velho), João (um operário jovem), O Vampiro de Viamão, Dulcet Ton (the Queen of crime), Dona Eritreia, Gonçalo, Ordália, Eritreu, Pablo Montón (um guerrilheiro argentino), Um Juiz, Um Marido, Sua Mulher, O Bedel, Erica Schmitt (a morta-viva do morro do Ferrabrás), Madre Prudência, Irmã Dolorosa, Irmã Virgília, A Noviça Piedade, Uma Outra Irmã, O Estuprador, Suzi, Beatriz, Marisa, Jean Harlow do Partenon, Um Outro Marido, Sua Mulher, Betinho (filho do casal), Maria Ribas (uma assaltante).

De acordo com os dados provenientes das peças acima descritas, serão analisados os seguintes aspectos: ano da peça, autor, público-alvo da peça, características sociais dos personagens (idade, gênero, classe), dialeto do autor (carioca, paulista ou gaúcho).

3.2 ENTREVISTAS NARRATIVAS – VARX (BANCO ORAL)

Neste subcapítulo, apresentaremos brevemente o gênero textual escolhido para a coleta dos dados, pois como explica Marcuschi (2002:19) eles apontam acontecimentos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social; aspectos estes importantes uma vez que “a distribuição dos elementos em uma sentença está ligada ao dinamismo comunicativo” (MARQUES, 2008: 19).

Entendemos gênero textual não como uma unidade homogênea e estática, mas sim sob uma perspectiva em que os mais variados textos/obras são permeados e constituídos como bem explicita Faria (1998) pelas características de vários gêneros literários, comumente com o predomínio de um deles.

Segundo este mesmo autor, devemos ir além da classificação de uma obra em relação ao gênero à que pertence, temos que considerá-la “... em termos de *traços estilísticos*. Ou seja, o que define uma obra não é o gênero (substantivo) ao qual ela pertence, mas o seu traço estilístico predominante” (FARIA, 1998, p. 49), vale ressaltar que a concepção de estilo que adotamos no presente trabalho está descrita no item 2.3.2.2 Estilo e Atitude Linguística, em Revisão de Literatura.

3.2.1 *Corpus*

Para constituição deste *corpus* foram selecionadas e transcritas 36 entrevistas narrativas pertencentes ao banco de dados VarX (Pelotas) – composto em seu total por 90 entrevistas –, logo ouvimos 36 informantes (18 homens e 18 mulheres), metade deles pertencentes à classe média alta e metade pertencentes à classe baixa, todos moradores de Pelotas. Para a descrição e análise deste *corpus* (vide tabela 1 – abaixo) serão consideradas: variável dependente e variáveis independentes extralinguísticas e linguísticas.

Tabela 1 – os 36 informantes do VarX selecionados para a constituição do *corpus* de dados orais – retirados da tabela 8 (anexo A) [por código do informante].

Faixa Etária	Gênero	Classe Baixa			Classe Média-Alta		
16-25	fem.	2	17	18	14	15	30
	masc.	1	5	16	13		28 29
26-49	fem.	33	47	48	60		44 45
	masc.	31	46	50	58	59	43
50 ou +	fem.	62	78	77	75	74	90
	masc.	61	76	86	70		85 88

No que se refere às variáveis extralinguísticas (de acordo com a tabela acima), a variável principal a ser considerada neste trabalho será classe social e, dentro deste *corpus* ainda serão considerados os fatores grau de instrução (escolaridade) e faixa etária dos entrevistados. Esta consideração deve-se à forma como foi constituído o banco de dados VarX,

o VarX foi projetado para analisar mais detalhadamente a dimensão **classe social** (ocupação/profissão, renda/patrimônio/zona de residência e escolaridade) e suas implicações linguísticas uma vez que nos bancos de dados sociolinguísticos no país não havia um olhar específico e detido sobre a questão de classe social (AMARAL & BORGES, 2009, p.17, grifo dos autores).

Com relação às variáveis linguísticas serão considerados o ritmo de fala, o tópico, marcas linguísticas de formalidade ou não e as pausas, conforme a descrição no quadro abaixo:

Quadro 2 – Variáveis independentes linguísticas consideradas para análise.

Ritmo de fala	Número de segmentos fônicos por 20/30 segundos.
Tópico	Tipo de assunto que favorece ou não a formalidade.
Marcas de formalidade ou não	Concordância de plural, uso de está e/ou tá.
Pausa	Sua localização em relação ao MC <i>né?</i> e suas formas variantes (antes, depois, antes e depois ou Ø).

Quadro 3 – Fatores da variável dependente encontrados no levantamento das 36 entrevistas narrativas

Código	Variante
Ø	<i>Né?</i>
1	<i>Não é?</i>
2	<i>Não é verdade?</i>
4	<i>Nu'é?</i>
5	<i>Nã?</i>
6	<i>Não?</i>
7	Outros

Importante destacarmos que para a análise quantitativa dos dados estatísticos de nosso trabalho foi utilizado o aplicativo Goldvarb 2001:

O Goldvarb 2001 é um aplicativo de Análise Multivariada para Windows. Foi desenvolvido por John Robinson, Helen Lawrence e Sali Tagliamonte em outubro de 2001. O texto desta seção é a nossa tradução do Manual do Usuário do Goldvarb 2001, disponível em

inglês no site da Universidade de York (AMARAL; BORGES, 2009, p. 95).

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 TEXTOS TEATRAIS

Os textos selecionados e analisados na sequência nos dão indícios de como, quando, em quais situações e quais as características extralinguísticas das personagens que utilizam o MC *né?* e suas formas variantes. Na análise a seguir será feito um estudo quantitativo e qualitativo dos dados levantados nas peças descritas anteriormente, no capítulo metodológico deste trabalho.

4.1.1 Resultados quantitativos e qualitativos

Primeiramente apresentaremos detalhadamente as ausências e ocorrências das peças descritas na Metodologia, e também as características das personagens que utilizaram o marcador *né?* e suas formas variantes.

1. ***O Juiz de Paz da Roça (1842)* – Martins Pena**

Nenhuma ocorrência dos termos *não é verdade?/ não é mesmo?/ não é assim?/ pois não é?/ não é?/ não?/ né?* como Marcadores Conversacionais ou Discursivos foi verificada nesta peça.

2. ***O Judas em Sábado de Aleluia (1846)* – Martins Pena**

Também sem ocorrência dos termos *não é verdade?/ não é mesmo?/ não é assim?/ pois não é?/ não é?/ não?/ né?* empregados como Marcadores Conversacionais ou Discursivos nesta peça.

3. O Noviço (1856) – Martins Pena

Ocorrências:

Não é verdade?	Duas ocorrências
Não é assim?	Uma ocorrência

Características das personagens:

Ambrósio	Casou-se duas vezes para conseguir dinheiro, de origem humilde – vem do Maranhão.
Rosa	Também de origem simples, sai à procura do marido que sumiu do Ceará, local em que viviam, e foi visto no Rio de Janeiro.
Carlos	Jovem e rebelde, criado pela tia que é rica.

P.10

Rosa — *E muito chorei eu, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá casar-se tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?*

Carlos — *A bigamia é um grande crime; o Código é muito claro.*

P.18

Carlos — *É uma comédia que ensaiávamos para sábado de Aleluia.*

Florência — *Uma comédia?*

Ambrósio — *Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho arranjávamos isso... Bagatela, não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?*

Florência, à parte — *Isto não é natural... Aqui há coisa.*

Ambrósio — *A nossa comédia era mesmo sobre isso.*

Florência — *O que está o senhor a dizer?*

Carlos, à parte — *Perdeu a cabeça (para Florência:) Tia, basta que saiba que era uma comédia. E antes de principiar o ensaio o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade. Não é verdade, tio?*

Ambrósio — *É verdade. O rapaz não tem inclinação, e para que obrigá-lo? Seria crueldade.*

4. **Hoje avental, amanhã luva (1860) – Machado de Assis**

Ocorrências:

Não?	Duas ocorrências
------	------------------

Características das personagens:

Bento	Empregado do senhor Durval, boleiro, amável e serviçal.
Rosinha	Empregada do senhor Durval, com interesses de casar-se com este.

P.2

DURVAL — *(tirando o sobretudo que deita sobre o canapé)*
És curiosa. Pois sabe que venho para... para mostrar a Sofia que estou ainda o mesmo.

ROSINHA — *Está mesmo? moralmente, não?*

P.6

BENTO — *(tirando o jornal do bolso)*
Fica entregue, não? Ora bem! Vou continuar a minha interessante leitura... Estou na gazetilha — Estou pasmado de ver como vão as coisas por aqui! — Vão a pior. Esta folha põe-me ao fato de grandes novidades.

ROSINHA — *(sentando-se de costas para ele)*
Muito velhas para mim.

5. **Desencantos (1861) – Machado de Assis**

Ocorrências:

Não?	Cinco ocorrências
Não é? Não é, [...]?	Duas ocorrências

Características das personagens:

Clara	Viúva, rica, com uma filha pequena e dois pretendentes.
Luís	Jovem, vizinho de Clara e um de seus pretendentes.
Pedro Alves	Também vizinho e pretendente de Clara, não é tão jovem quanto Luís.

P. 15

“LUÍS — *Ao que parece, não?*

PEDRO ALVES - *Mas é evidente que perecerá.*

LUÍS — *Não sei.”*

“PEDRO ALVES — *Tanto melhor. Sempre é bom não ter pretendentes para combater. Ficamos amigos, não?*

LUÍS — *Decerto.”*

P. 24

“LUÍS — *Vou aprontar a minha bagagem.*

CLARA - *Leva a lembrança dos amigos no fundo das malas, não?*

LUÍS — *Sim, minha senhora, ao lado de alguns volumes de Alphonse Karr”.*

P.28

“PEDRO ALVES — *Que de impressões havia de ter! Muito turco, muito árabe, muita mulher bonita, não? Diga-me uma coisa, há também ciúmes por lá?*

LUÍS — *Há.”*

P.31

“PEDRO ALVES — *Gosto de ouvir falar assim. Pelo menos, é franco e vai logo dando o nome às coisas. Ora, depois de uma ausência de cinco anos parece que há vontade de passar algumas horas juntos, não? Fique para jantar conosco.”*

P.35

“PEDRO ALVES — *À casa do comendador, não é? Clara, o Sr. Luís de Melo faz-nos a honra de jantar conosco.*

CLARA — *Ah! Quer ser completamente amável.”*

P.44

“**LUÍS** — *No Oriente tudo é poeta, e os poetas dispensam bem a glória de espíritos sólidos.*

CLARA — *Predomina lá a imaginação, não é?*

LUÍS — *Com toda a força do verbo.”*

6. *As Forças Caudinas* (1863) – Machado de Assis

Ocorrências:

Não?	Quatro ocorrências
Não é?/ Não é, [...]?	Ø

Características das personagens:

Tito	Amigo de Ernesto, jovem, aventureiro, recém-chegado do Chile.
------	---

P.3

“**SEABRA** — Mas que ventura!

TITO — *Completa, não? Imagino! Marido de um serafim nas graças e no coração... Ah! perdão, não reparei que estava aqui... mas não precisa corar!... Disto me há de ouvir vinte vezes por dia! o que penso, digo. (a Seabra) Como não te hão de invejar os nossos amigos!”*

P.7

“**TITO** — *O coronel está com licença, não?*

CORONEL — *Estou, sim, senhor.”*

“**CORONEL** — *Oh!...*

TITO — *É verdade, não?*

CORONEL — *Faz-se o que se pode...”*

P.32

“**TITO** — *Remorso, se é sujeita aos remorsos, deve ter um, mas por motivo diverso. Minha senhora, V. Exa. está passando neste momento pelas forças caudinas. (a Margarida) Vou contar-lhe, minha senhora, uma curiosa história. (a Emília) Fi-la sofrer, não?*

Ouvindo o que vou dizer concordará que eu já antes sofria e muito mais.”

7. Quase Ministro (1862) – Machado de Assis

Ocorrências: Ø (sem ocorrências) – Não há personagens femininas.

8. Os deuses de casaca (1866) – Machado de Assis

Ocorrências: Ø (sem ocorrências) – Não há personagens femininas.

9. O bote de rapé (1878) – Machado de Assis

Ocorrência:

Não?	Uma ocorrência
Não é?/ Não é, [...]?	Ø

Característica da personagem:

Elisa	Esposa de Tomé, individualista, fútil e consumista.
-------	---

P.2

“ELISA — Onde é?

TOMÉ — Em casa do Real; dize-lhe que me mande a marca habitual.

ELISA — Paulo Cordeiro, não?

TOMÉ — Paulo Cordeiro.”

10. Tu, só tu, puro amor (1880) – Machado de Assis

Ocorrências:

Não?	Três ocorrências
Não é? Não é, [...]?	Duas ocorrências

Características das personagens:

Caminha	Poeta enciumado com o sucesso dos poemas de Camões na corte, apaixonado por D. Catarina que por sua vez ama Camões.
D. Catarina	Filha de Antônio de Lima e apaixonada por Luís de Camões.

P.2

D. MANUEL — *Deveras? Lembra-me que já isso mesmo lhe negastes.*

CAMINHA, sorrindo. — *No meu epigrama, não? E nego-lho ainda agora, se não fizer o que vos digo. Pareceu-vos gracioso o epigrama? Fi-lo por desenfado, não por ódio... Dizei, que tal vos pareceu ele?*

P.7

D. CATARINA — *Não; dá-me conselhos... bons conselhos, meu Luís. Não vos quer mal, não quer... Vamos lá; eu é que sou desatinada. Mas passou. Dizei-nos lá esses versos de que faláveis há pouco. Um epigrama, não é? Há de ser tão bonito como os outros... menos um.*

CAMÕES — *Um?*

[...]

D. FRANCISCA — *Disse-vos isto? É um grande espírito El-rei!*

D. CATARINA, a D. Francisca. — *Não é? (A Camões.) E vós que lhe dissestes?*

P.13

CAMINHA — *Comigo? (D. Catarina inquieta, aflita, pega-lhe na mão; ele retira-lha com aspereza.) Contar comigo! para que, minha senhora D. Catarina? Amais um mancebo digno, por que vós o amais... muito, não?*

D. CATARINA — *Muito.*

P.16

D. FRANCISCA — *O senhor D. Antônio é tão severo!*

D. CATARINA — *Irá ter com El-rei, pedir-lhe-á que o castigue, que o encarcere, não? E por minha causa... Não; primeiro irei eu... (Dirige-se para a porta da direita.)*

D. FRANCISCA — *Onde ides?*

11. ***Não consultes médico (1899)*** – Machado de Assis

Ocorrências:

Não?	Duas ocorrências
Não é? Não é, [...]?	Ø

Características:

Cavalcante	Grande amigo de Magalhães, apresenta comportamento bastante confuso devido a uma decepção amorosa.
------------	--

P.8

“**CAVALCANTE** — Disse-lhe ontem algumas tolices, não?

D. LEOCÁDIA — Tolices, é muito; umas palavras sem sentido.”

P.10

“**CAVALCANTE** — Oh! tenho; tenho. Mas ao doente é permitido fazer uma careta antes de engolir a pílula. Obedeço; vou para a China. Dez anos, não?

D. LEOCÁDIA (levanta-se) — Dez ou quinze, se quiser; mas antes dos quinze está curado.”

12. ***A Viúva Pitorra (1898)*** – texto um – João Simões Lopes Neto

Ocorrências:

Não?	Ø
Não é?/Não é, [...]?	Duas ocorrências
[...], pois não é?	Duas ocorrências

Características das personagens:

Pitorra	Viúva jovem (30 anos), com posses e pretensiosa.
Eulâmpia	Viúva, 36 anos, irmã de Pitorra, também pretensiosa.
Cidreira	Jovem esperto, pretendente de Pitorra.

P.755

“**PITORRA** — *Vamos... Espere, o melhor é até eu mudar já de vestido, não é? Este perfume está me arrepiando. Depois da missa do estilo, a gente já pode tirar o luto.*”

P.756

“**EULÂMPIA** — *(Tirando o retrato.) Se há de ser logo, seja já!... Afinal, isto de retratos pouco adianta. Para quê? (...) Por isso eu, que não tenho o do meu falecido... Não consola nada, pois não é?... Não há como o real, de carne e osso... e barbado, como o major!... (Sai direita alta, levando o retrato e chapéu; deixa as luvas).*”

P.764

“**PITORRA** — *Por quê? Ninguém melhor que o senhor, sabe que tudo deve estar em combinação. Para isso é que às vezes se consulta... Pois não é?*

CIDREIRA — *É, estou de acordo... (À parte.) Guarda, que é agora!...*”

P.779

“**CIDREIRA** — *(À parte.) Estou fazendo um papel muito secundário... visto que este marido chegou, ela deixa de ser viúva do outro... Não! Do outro continua sendo... Ponho-me ao fresco. Desfolhei as ilusões dos meus verdes anos como quem atira um punhado de confete... (Alto.) Bem; eu, aqui, sou demais: retiro-me. (A Ramão.) O senhor então depois se explica, não é?...*

RAMÃO — *Explica o quê?...*”

13. A Viúva Pitorra (1898) – texto dois – João Simões Lopes Neto

Ocorrências:

Não?	Ø
Não é?/Não é, [...]?	Uma ocorrência
[...], pois não é?	Uma ocorrência

Características das personagens:

Pitorra	Viúva jovem (30 anos), com posses e pretensiosa.
Juca	Jovem esperto, pretendente de Pitorra.

P.811

“**PITORRA** — *Por quê? Ninguém melhor que o senhor sabe que tudo deve estar em combinação. Pois não é?*

JUCA — *É, estou de acordo... (À parte.) É agora!...*”

P.822

“**JUCA** — *(À parte.) Estou fazendo um papel muito secundário... visto que o marido x chegou ela deixa de ser viúva... e eu, pretendente. Ponho-me a panos! (Alto.) Bem. Eu aqui sou demais: retiro-me. (A Ramão.) O senhor, então, depois se explica, não é?...*

RAMÃO — *Explica o quê?*”

14. *A mulher sem pecado (1941)* – Nelson Rodrigues

Ocorrências:

Não?	Uma ocorrência
Não é?/Não é, [...]?	Seis ocorrências
Não é mesmo?	Uma ocorrência

Características das personagens:

Inézia	Criada da casa da família.
Lídia	Esposa devotada de Olegário tem todos os seus passos controlados por ele.
Olegário	Marido controlador que finge ser paralítico, vive desconfiado da fidelidade de Lídia.
Umberto	Motorista de Olegário, empregado de confiança com quem Olegário conta para controlar os passos de Lídia.

P.10

“OLEGÁRIO (impaciente) — *"Bebe!" E o que é que tem isso? Pois olhe. Ele é melhor do que muitos que andam por aí. E, além disso, minha filha, basta que eu tenha confiança nele. Eu é que sou o doente, não é?*

LÍDIA — *Está certo, Olegário, está certo. Mas você podia chamar outro - só pra ver! Não custa!"*

P.19

“OLEGÁRIO (aproximando-se) — *O que é que você tinha pedido? Passar para o lugar do Sampaio, não é?*

JOEL (vacilante) — *Eu estava querendo. Ou a caixa? O senhor é quem sabe. Isso é com o senhor."*

P.27

“OLEGÁRIO (sombrio) — *Você nunca falou tanto.*

LÍDIA (desabafando) — *Tenho direito! Depois do que você me fez - da farsa - tenho, não é?"*

P.29

“OLEGÁRIO — *Maurício! Maurício!*

MAURÍCIO — *Eu.*

OLEGÁRIO — *Vem cá, um instante. Você parece que tem medo de mim. Ou ódio. Tanto faz, não é, Maurício?"*

P.30

“OLEGÁRIO — *Perfeito. Outro exemplo: a mulher de um inválido, digamos de um paralítico... Sim, de um paralítico. A mesma coisa, não? Evidente! Em certos casos, a fidelidade é uma degradação... Claro como água, não é?*

MAURÍCIO — *Depende. Varia muito."*

P.48

“UMBERTO — *Um defeito no carburador. Preciso ir, já para a oficina.*

INÉZIA — *Mas já pode ir preparando, não é, D. Lídia?*

LÍDIA — *Eu aviso, criatura! (para Umberto) Que amolação! Eu precisava do carro! E demora muito o conserto?"*

P.57

“**OLEGÁRIO** — *E por que vem-me dizer isso agora? Para quê?*

UMBERTO (vira-se. Cínico) — *Quem sabe? Bem... mas vou falar com D. Lídia... (ri) Posso, não posso? Sou o único homem no mundo que... Não é mesmo, Dr. Olegário?*

(Riem os dois sordidamente)”.

15. Vestido de Noiva (1943) – Nelson Rodrigues

Ocorrências:

Não é?	Três ocorrências
Não é, [...]?	Uma ocorrência
Não?	∅

Características das personagens:

Alaíde	Esposa de Pedro que roubou o namorado da irmã (Lúcia), é atropelada e fica entre a vida e a morte e seus diálogos aparecem nos três planos: realidade, alucinação e memória.
Mãe	Mãe de Alaíde e Lúcia.
Pedro	Marido de Alaíde que deseja sua morte para ficar com Lúcia.

P.12

“**ALAÍDE** (superior) — *Pode dizer o que quiser. (irritante) Sou eu que vou casar, não é? Então não faz mal.*

MULHER DE VÉU — *Outra coisa: você está crente de que ele é só seu, não está?”*

P.20

“**ALAÍDE** (microfone) — *Você está vendo, Clessi? Outra vez. Penso que estou contando o seu caso, contando o que li nos jornais daquele tempo sobre o crime, e quando acaba, misturo tudo! Misturo Traviata, ...E o vento levou..., com o seu assassinio! Incrível. (pausa) Não é?*

(Luz no plano da memória. Clessi e mãe do namorado já em atitude normal.)

MÃE (ameaçadora) — *É a última vez que eu pergunto. Desiste ou não desiste?*

P.22

“**ALAÍDE** — *Foi, sim. Em 1905. Aquela que eu lhe contei, Pedro.*

PEDRO — *Eu me lembro perfeitamente. O namorado era um colegial, não é? Deu uma punhalada?*

CLESSI (sonhadora) — *De dia, usava uniforme cáqui. De noite, não.”*

P.25

“**LÚCIA** — *Papai!*

MÃE — *Está tão mais gorda, corada - não é. Gastão?*

PAI — *Muito mais.”*

16. A Falecida (1953) – Nelson Rodrigues

Ocorrências:

Não é?	Duas ocorrências
Não?	Ø

Características das personagens:

2º Funcionário	Trabalha numa casa funerária, joga com a fragilidade emocional das pessoas que perdem seus parentes.
Zulmira	Mulher pobre, tísica e com um marido desempregado e viciado em jogo.

P.22

“**ZULMIRA** (maravilhada) — *Barato!*

2º FUNCIONÁRIO (roendo as unhas) — *Não é?*

TIMBIRA — *Essa.”*

P.24

ZULMIRA — *Escuta, mamãe, presta atenção. Antigamente, usavam-se cavalos nos enterros, com um penacho? Mais bonito? Não, é?*

MÃE — *Não acho negócio! Cavalo não é negócio!”*

17. Barrela (1958) – Plínio Marcos

Ocorrências:

Né?	Três ocorrências
Não é?	∅
Não?	∅

Características das personagens:

Bahia	Presidiário.
Portuga	Presidiário, chamado de corno pelos companheiros, apesar de ter matado a mulher.

P.32

BAHIA — *Dormir é letra. Mas, cada vez que a gente apaga, o Portuga acorda a gente. E daí? Você dá força pra ele, né? A gente não pode fazer ele se tocar, que ele está por fora mesmo. Então, temos que arranjar uma botota qualquer, pra levar pra frente.”*

P.37

PORTUGA — *À toa. A conversa era de quem traçava quem, sabe como é, né? A moçada estava na boa, tudo jacarejando no sol. A vida é mansa. Não tem trabuco nem nada. (...).”*

P.38

PORTUGA — *Bom, daí o Morcego me entortou. Eu quis calçar o rapazinho aí, né? Mas o Morcego estava com o trunfo. (...).”*

18. Navalha na Carne (1967) – Plínio Marcos

Ocorrências:

Né?	Oito ocorrências
Não é?	Ø
Não?	Ø

Características das personagens:

Neusa Sueli	Prostituta em fim de carreira.
Vado	Cafetão, machista e homofóbico.

P.138

“**NEUSA SUELI** — Por quê, meu bem?

VADO — Não sabe, né?”

P.139

“**NEUSA SUELI** — *Sua cabeça é seu guia.*

VADO — *Pois é, né?*

NEUSA SUELI — *Eu não prendo ninguém.”*

P.140

“**NEUSA SUELI** — *Já vi que você embarcou na dela.*

VADO — *Quer tomar outro cacete? Não, né? Então não me enche o saco! Já estou cabreiro com você. Se espernear, te meto a mão.”*

P.142

“**NEUSA SUELI** — *Eu sei... Eu sei...*

VADO — *Sabe, né? Então diz. Por que eu te aturo?”*

P.143

“**VADO** — *Que grana que você me deu hoje?*

NEUSA SUELI — *Não sabe, né? Ganha no mole, mete o pau fácil.”*

P.146

“**NEUSA SUELI** — *Não vai machucar ele.*

VADO — *Não, né? Você vai ver.”*

P.153

“**VADO** — *Azar!*

NEUSA SUELI — *Azar meu, né?”*

P.162-163

“**NEUSA SUELI** — *Só porque você quer.*

VADO — *É, né? Mostra os teus documentos.”*

19. *O abajur lilás (1969)* – Plínio Marcos

Ocorrências:

Né?	Uma ocorrência
Não é?	∅
Não?	∅

Características das personagens:

Leninha	Prostituta puxa-saco de Giro, delatora.
---------	---

P.201

“**GIRO** — *Deve ter quebrado.*

LENINHA — *Tá na cara, né, malandro? Se tivesse inteiro, não tava quebrado.”*

20. *Querô, uma reportagem maldita (1979)* – Plínio Marcos

Ocorrências:

Né?	Três ocorrências
Não é?	∅
Não?	∅

Características das personagens:

Querô	Marginal, matador de tira, à beira da morte.
Sarará	Policial.

P.238

“**QUERÔ** — Não pode, né?”

REPÒRTER — Não. Acho que não.”

P.254

“**QUERÔ** — Querosene é a puta que te pariu.

(Nelsão dá um tapa no Querô).

SARARÁ — Tá vendo, doutor? Parece um cagateco, né?
Mas é cobra criada (...).”

P.255

“**QUERÔ** — Não quero merda nenhuma (...) A primeira vez que eu vi... fantasma... Tu não acredita em porra nenhuma, né?”

21. **Sarau das 9 às 11 (1976) – Caio Fernando Abreu**

Ocorrências:

Né?	Ø
Não é?	Uma ocorrência
Não?	Ø

Característica da personagem:

B	Cunhado de A, homem de poucas palavras.
---	---

P.26

“**B** — Bunda mole. Você deve ter varizes, não é?”

A — O quê?”

22. *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora (1976?)* – Caio Fernando Abreu

Ocorrências:

Né?	∅
Não é?	Quatro ocorrências
Não?	∅
Não é assim?	Uma ocorrência

Características das personagens:

João	Parece ser o líder do grupo, é quem consegue a casa para passarem a noite.
Mona	Bicho-grilo, mística e bipolar. Ora é Mona (alto-astral), ora Carlinha (baixo-astral).
Alice	Gosta de cor, exigente e acusa todos os outros de serem caretas.
Leo	Inseguro, medroso, perturbado e infeliz.

P.66

“**JOÃO** — Bem, eu vou lá fora chamar os outros. Não tenha medo, volto já. Afinal, parece que tudo vai terminar bem, não é? Tudo está bem quando termina bem, não é assim? Pelo menos a gente já tem onde dormir esta noite. (Sai.)”

P.71

“**LEO** — O que é que tem a Rosinha?

MONA — Gravidez, não é, cara? Mulher é isso aí. Um bode. (...)”

P.76

“**LEO** (empurrando com violência.) — É mentira! Você me beija porque os outros estão olhando, porque você acha que isso é bonito, (...) Não, não diga nada. Eu já sei: é baixo-astral pensar nessas coisas, não é? (gritando) Pois para mim baixo-astral é o banheiro imundo, baixo-astral é o lixo, a pobreza, a fome. (...)”

P.78

“**MONA** — *Fui eu. Já que a gente vai mesmo ficar aqui a noite toda, achei que era melhor fazer uma festa à fantasia. De feia basta aquela cidade lá fora, não é?*”

ALICE — *Pode crer. Dou a maior força. (...)*”

P.89

“**ALICE** — (...) *Fica muito bem em você. Deve ser importada, não é? Tem um cheiro de King’s Road, de Bilbao, de Carnaby Street... Ou foi você mesma que bordou?*”

23. *Reunião de família (1984) – Caio Fernando Abreu*

Ocorrências:

Né?	Ø
Não é?	Seis ocorrências
Não?	Duas ocorrências

Característica das personagens:

Alice menina	Menina doce, bastante apegada à empregada Berta.
Alice	Adulta triste, atenciosa e marcada pelas crueldades do pai na sua infância.
Aretusa	Agressiva, esposa de Renato, cunhada de Aline, sofre com os caprichos do sogro (professor).
Bruno	Marido de Evelyn, carinhoso e preocupado com o desespero da esposa após a perda do filho.

P.100

“**ALICE** (*Reprovadora e maternal.*) — *E claro que só vai comer um sanduíche, não é? Sanduíche não alimenta. Sanduíche, refrigerante, essas porcarias que vocês comem por aí.*”

P.112

“**ALICE MENINA** — *Ele é tão bonzinho, não é, Berta? Olha a carinha dele, sempre franzindo o focinho. Será que o pai deixa eu ficar com ele?”*

P.113

“**ALICE MENINA** (*Insistindo*) — *Ah, deixa, Berta. Ele não vai entrar nunca dentro de casa (para a caixa), não é, porquinho? E só vai comer restos de verduras velhas. (Choramindo.) Eu nunca tive um bichinho.”*

P.115

“**ARETUSA** (*Da janela.*) — *Bruno está chegando. (...) Já que Evelyn tem companhia. (Aproxima-se e coloca a mão no ombro de Evelyn.) Não é, querida? (Evelyn parece não ouvir.)”*

P.117

“**BRUNO** — *Péssimo. Fazia meses que você não o via, não?*
ALICE — *Fazia. Fazia tempo, sim.”*

P.124

“**ARETUSA** — *Não quero comer. (Agressiva.) E você bem que podia cuidar um pouco da forma, não?*

ALICE (*Sem se ofender.*) — *Nem tomei café. Estava fraco e frio.”*

P.131

“**ARETUSA** (*Agressiva*) — *Bem, mas a responsabilidade é de todos, não é? (Para Renato, que está desinteressado.) E você, também podia se interessar um pouco, não acha? Afinal Evelyn é sua irmã, não minha.”*

P.134

“**ALICE** — *Pode ser. O tempo, não é? O tempo é remédio para tudo.*

ARETUSA (*Ambígua.*) — *Ou quase tudo.”*

24. Quem roubou meu Anabela? (1972) – Ivo Bender

Ocorrências:

Né?	∅
Não é?	Duas ocorrências
Não?	∅

Características das personagens:

Valéria	Madame, mulher de Umberto, infiel, trata a todos como seus subalternos, suas falas parecem devaneios.
---------	---

P.37

“VALÉRIA — *Agora é que me dou conta: nunca te vi na frente de um espelho. Nem quando te preparas para sair. Como hoje de manhã, não é? Afinal de contas, como é que consegues te pintar, heim? Me diz.”*

P.45

“VALÉRIA — *É o que queres: me ver num sanatório. Presa, incomunicável numa cela acolchoada, enterrada viva. É isso, não é? Vamos, confessa.”*

25. O cabaré de Maria Elefante (1981) – Ivo Bender

Ocorrências:

Né?	Uma ocorrência
Não é?	Duas ocorrências
Não?	∅

Características das personagens:

João	Jovem operário, trabalha no turno da noite, teme o patrão que depois descobre ser o Vampiro de Viamão.
Jean Harlow	Travesti afetado que trabalha fazendo apresentações no Cabaré.

P.112

“**JOÃO** — *Ele é bem estranho, o patrão, não é?*”

NICANOR — *Sempre com aquela capa que parece roupa de mulher. (Abafa o riso).”*

[...]

“**JOÃO** — *E ele fala uma língua estranha, meio difícil, né?*”

NICANOR — *Pois é. E tem vez que ele aparece mais tarde ainda. Pra inspecionar.”*

P.149

“**JEAN HARLOW** — *Se estou perguntando, é porque sumiu, não é?*”

TIANTA — *E eu vou saber das tuas coisas?”*

A partir dos dados descritos acima, sistematizamos as informações da seguinte maneira: o gráfico 1, a seguir, mostra-nos a distribuição das ocorrências do MC *né?* e suas formas variantes desde a primeira peça de teatro selecionada, *O Juiz de Paz da Roça (1842)*, de Martins Pena, até a última, *Reunião de família (1984)*, de Caio F. Abreu, segundo uma sequência cronológica. Do total de 83 ocorrências, 39 corresponderam a “Não é?/Não é, [...]”, 20 correspondem a “*não?*”, 16 correspondem a “*né?*”, 3 correspondem a “Pois não é?”, 2 ocorrências correspondem às formas “*Não é verdade?*” e “*Não é assim?*”, por fim, 1 correspondência para a forma “*Não é mesmo?*”.

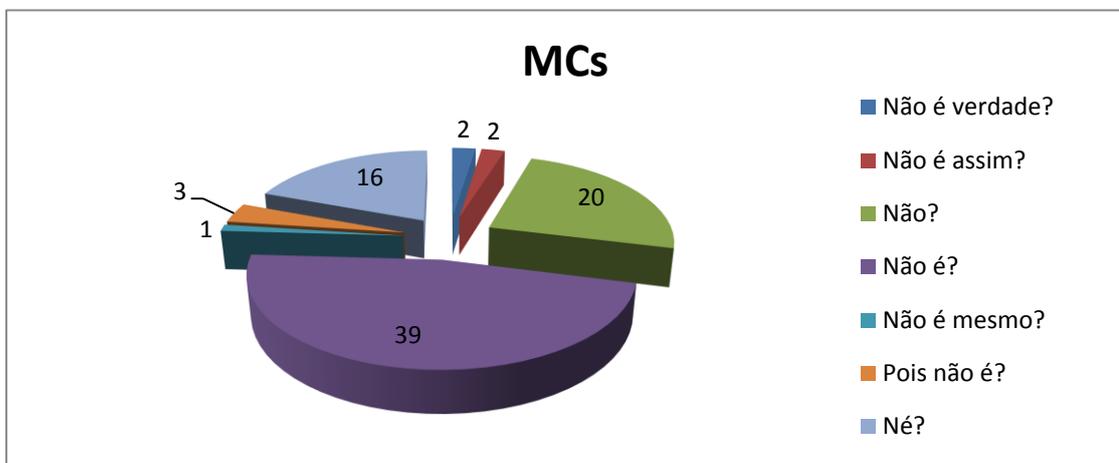


Gráfico 1 – Distribuição proporcional dos Marcadores Conversacionais em textos teatrais (em números de ocorrências).

Para uma análise mais substancial, apenas o levantamento acima não é suficiente, pois, não nos dá base suficiente para verificarmos todas as questões a que nos propomos. Apesar deste fato, podemos delinear alguns aspectos importantes, tais como o esvaziamento de significado, formas em coocorrência, processos de variação e mudança.

Segundo Alcântara e Martelotta (1996), além da redução fonética **não é verdade? >não é? >né?**, esta partícula, no caso por eles analisado, o *né?*, também sofre um esvaziamento de significado passando por algumas etapas até o término de seu processo de discursivização. Ainda de acordo com os autores acima, este processo é composto da seguinte sequência: *Né?* em seu sentido original – funcionando como pergunta não retórica> *Né?* pergunta retórica (início da função discursiva)> *Né?* atuando como modalizador (com várias subfunções)> *Né?* em seu processo final de discursivização, exercendo a função de preenchedor de pausa.

Referindo-nos às duas primeiras etapas supracitadas, destacamos o fato de que antes mesmo da redução fonética, este MC – e suas formas variantes - já se apresentava tanto como pergunta não retórica quanto como pergunta retórica, como podemos observar nos dois exemplos abaixo, retirados das peças *O Noviço* (1856) e *Hoje avental, amanhã luva* (1860):

Ex. 1a) “**Ambrósio** — *Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho arranjávamos isso... Bagatela, não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?*” (Pergunta retórica).

Ex. 1b) “**Rosa** — *E muito chorei eu, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá casar-se tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?*” (Pergunta não retórica).

Ex. 2a) “**ROSINHA** - *Está mesmo? moralmente, não?*” (Pergunta não retórica).

Ex. 2b) “**BENTO** - *(tirando o jornal do bolso)*

Fica entregue, não? Ora bem! Vou continuar a minha interessante leitura... Estou na gazetilha — Estou pasmado de ver como vão as coisas por aqui! — Vão a pior. Esta folha põe-me ao fato de grandes novidades.” (Pergunta retórica).

Nos exemplos 1a e 1b, também é possível identificarmos as formas *não é assim?* e *não é verdade?* como variantes em coocorrência, as duas formas são intercambiáveis em todos os casos encontrados, ambas estão em desuso, mas não desapareceram por completo, como exemplifica o caso abaixo, da peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora* (1976*), de Caio F. Abreu:

Ex. “**JOÃO** – Bem, eu vou lá fora chamar os outros. Não tenha medo, volto já. Afinal, parece que tudo vai terminar bem, não é? Tudo está bem quando termina bem, não é assim? Pelo menos a gente já tem onde dormir esta noite. (Sai.)”

Na amostra acima, ainda vale destacar que as formas variantes são “*não é?*” e “*não é assim?*” e não mais a forma “*não é verdade?*” que, dentre as peças analisadas, só apareceu em *O Noviço* (1856), de Martins Pena.

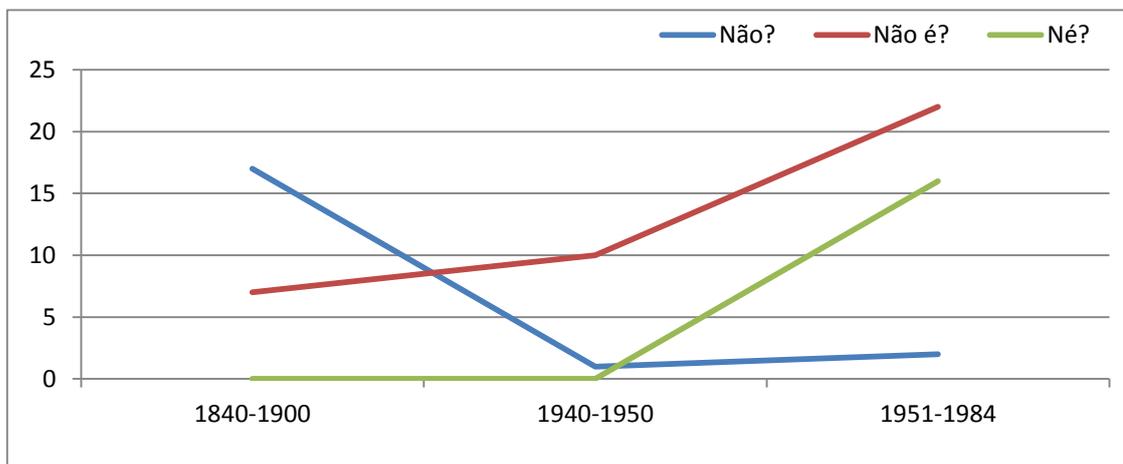


Gráfico 2 – Distribuição cronológica dos Marcadores Conversacionais “*Não?*”, “*Não é?*” e “*Né?*” em textos teatrais (em números de ocorrências).

No Gráfico 2, sistematizamos as três variantes mais recorrentes deste *corpus* textual (escrito); “*não?*” / “*não é?*” / “*né?*” e com isso podemos depreender alguns indícios significativos.

De acordo com o *corpus* escrito descrito no capítulo metodológico deste trabalho, e também conforme o Gráfico 2 acima, podemos constatar que as variantes “*não?*” e “*não é?*” eram alternantes e, num primeiro momento, nas peças pertencentes à segunda metade do século XIX, a forma “*não?*” era a mais frequente, mas seu declínio coincide com o aumento de ocorrências da forma “*não é?*”, outro

fator determinante parece ser o aparecimento da forma “né?” justamente quando a forma “não?” atinge seu menor número de ocorrências.

Segundo Votre (1997), há uma relação entre discursivização e perda de iconicidade, uma vez que observamos, em alguns casos, uma perda de motivação entre forma e significado tanto no sentido lexical quanto sintático, com um distanciamento parcial ou total de seu sentido original, como podemos constatar na forma “né?”:

Logo, prevê-se que, nos estágios finais da trajetória de mudança, os mecanismos de processamento serão mais automáticos e menos transparentes para cada item da língua. Esses estágios finais estão sendo rotulados provisoriamente como fases de *discursivização*, em que os itens, além do empalidecimento do significado, passam a perder suas restrições de ocorrência. Começam a ocorrer em outros contextos que não aqueles que lhes eram originariamente reservados como regulares e previsíveis pelo sistema da língua. Ao mesmo tempo, passam a significar coisas mais genéricas, menos específicas, mais vagas (VOTRE, 1996, p.20).

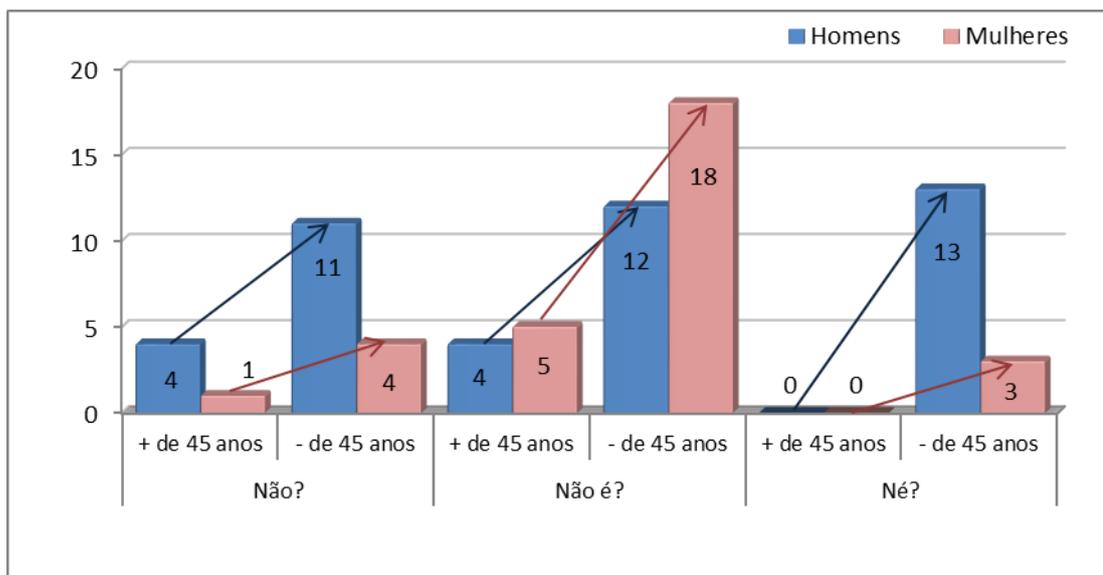


Gráfico 3 – Distribuição quantitativa, por gênero e faixa etária, dos Marcadores Conversacionais “Não?”, “Não é?” e “Né?” nos textos teatrais.

Para melhor explicar o Gráfico 3 acima, faremos algumas considerações e, por ser difícil determinar a idade exata dos personagens, delimitaremos, de acordo com as características presentes nas peças, tais como: idade dos filhos, tempo vivido no exterior, quantidade de casamentos e etc, a idade aproximada de cada um deles. Primeiramente, ao verificarmos as ocorrências das formas “não é verdade?”

/ “*não é assim?*”, na peça *O noviço* (1856), notamos que elas foram usadas por dois homens e uma mulher, todos eles pertencentes à classe baixa e um considerado jovem.

De maneira geral, podemos relatar que em todos os MCs se nota uma utilização maior pelos mais jovens, o que pode indicar que os dramaturgos associavam o uso de MCs à inovação linguística. O uso de “*não?*” era mais associado ao gênero masculino, enquanto o “*não é?*” era mais atribuído ao gênero feminino. O “*né?*” é claramente marcado como uma inovação lingüística, liderada pelo gênero masculino. Observa-se ainda que a intensificação de uso foi maior em “*não é?*”, pelas mulheres (mais próximo do padrão), e “*né?*”, pelos homens (mais afastado do padrão).

Na sequência, a maior alternância se dá entre as formas “*não?*” e “*não é?*”, sendo a primeira a forma mais antiga e, por consequência, é ela que apresenta o maior número de ocorrências nas primeiras peças analisadas. Suas ocorrências, nas peças *Desencantos* (1861), *As forcas caudinas* e *O bote de rapé* (1878), dão-se em personagens jovens; outro fato importante é a ausência destas formas variantes nas peças *Quase ministro* e *Os deuses de casaca* em que não há personagens femininas.

Na peça *Tu, só tu, puro amor* (1880), coocorrem as duas formas, mas somente a personagem feminina – Catarina – utiliza as duas formas: “*não é?*” e “*não?*”, ficando a cargo de Caminha o uso da forma mais arcaica “*não?*”; outro indício deste uso é a peça *Não consultes médico* (1899) onde há somente duas ocorrências de “*não?*” vindas de um personagem masculino e de meia idade chamado Cavalcante.

Pela ordem cronológica, há uma grande queda do uso de “*não?*”, não há nenhuma ocorrência deste termo nos dois textos da peça *A viúva Pitorra* onde todas as personagens são jovens e, cerca de 40 anos depois, na peça intitulada *A mulher sem pecados* (1941), verificamos que o personagem Olegário – homem e mais velho – é que alterna as formas “*não?*”/ “*não é?*”, as outras personagens utilizam somente a última forma. Nas peças seguintes *Vestido de noiva* (1943) e *A Falecida* (1953), só averiguamos a ocorrência de “*não é?*”.

O aparecimento do “*né?*”, nas peças de Plínio Marcos, acontece em personagens que pertencem à uma classe social desprestigiada e representam

indivíduos marginalizados como prostitutas, travestis, homossexuais e etc., destaque para o fato de que esta forma aparece de forma isolada, sem alternância com a forma “*não é?*” e também atentamos que personagens com maior “prestígio” social como o Repórter e o Delegado da peça *Querô, uma reportagem maldita* (1979) não utilizam o MC acima referido.

Em Caio F. Abreu distinguimos algumas peculiaridades: a ausência da forma “*né?*” em peças posteriores às de Plínio Marcos, décadas de 1970 e 1980, com muitos personagens jovens e do gênero feminino. Este fato pode estar relacionado ao estilo do autor, uma vez que a forma “*né?*” não aparece nem na peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora* (1976), composta somente por personagens jovens, entre 20 e 30 anos, nem na peça *A comunidade do Arco-Íris*, direcionada ao público infantil. Há falas que retratam situações de intimidade e informalidade, entre indivíduos jovens, em que o “*né?*” poderia ser utilizado, tal como o exemplo da peça *Sarau das 9 às 11*:

Ex. (p. 26):

B — *Bunda mole. Você deve ter varizes, não é?*

A — *O quê?*”

Neste mesmo autor também há o resgate da forma “*não?*” na peça *Reunião de família* (1984), dita pelos personagens mais velhos, forma esta que não aparecia desde a peça *A mulher sem pecados* (1941), com uma única ocorrência. Por estes motivos parece que estes usos resultam de questões estilísticas, uma vez que estudos sobre variação podem envolver fatores de três ordens:

O estudo da variação sociolinguística é comumente caracterizada (Sino 1984:145, Finegan e Biber 1994:316) como envolvendo três componentes principais: restrições linguísticas ou internas, restrições sociais ou inter-falantes e restrições de estilo ou intra-falantes (RICKFORD; ECKERT, 2002, p.1)³⁴.

³⁴ Esta e as demais traduções são da autora. Do original em inglês: “*The study of sociolinguistic variation is commonly characterized (Bell 1984:145, Finegan and Biber 1994:316) as involving three principal components: linguistic or internal constraints, social or inter-speaker constraints, and stylistic or intra-speaker constraints*”.

Nas duas peças analisadas de Ivo Bender, verificamos como era esperado, a alternância entre as formas “*não é?*”/ “*né?*”, esta última aparece na fala de um indivíduo muito jovem e de classe baixa (João, de *O cabaré de Maria Elefante*).

Todos estes dados analisados nos permitem levantar algumas questões bem como delinear hipóteses acerca de como se deu o aparecimento do MC “*né?*”, todo o processo de variação e mudança de suas formas variantes nas comunidades de fala das épocas em que não havia registros gravados de fala.

Pudemos constatar, a partir destes dados, que as formas *não é verdade?/ não é mesmo?/ não é assim?/ não?* estão em desuso, mas não desapareceram por completo, talvez tenham maior utilização em contextos de situações mais formais, por pessoas de classe social mais elevada e por pessoas de faixa etária superior a 50 anos; ou ainda, simplesmente porque os autores-referência (de épocas anteriores) do dramaturgo utilizassem estas formas, influenciando-lhe o estilo. Por isso a escrita muda muito mais lentamente do que os usos orais.

Outros indícios importantes para a análise do *corpus* oral no subcapítulo seguinte, são referentes a quais grupos parecem ser os responsáveis pelo uso das formas mais recentes que são os jovens e os indivíduos de classe baixa, a presença de personagem do gênero feminino também parece ser relevante para o aparecimento deste MC e estas pistas ratificam estudos anteriores como em Borges (2004) que ao analisar textos teatrais investigando o uso de *a gente/nós* chega à seguinte conclusão: “O uso de *a gente* nas peças de teatro é favorecido, portanto, pelas personagens femininas, jovens (abaixo de 50 anos) e pertencentes à classe social baixa.” (BORGES, 2004, p. 60).

4.2 ENTREVISTAS

4.2.1 Introdução: diferentes contatos linguísticos

Partindo da concepção de diglossia de Ferguson (1959): “em muitas comunidades de fala duas ou mais variedades de uma mesma língua são usadas

por alguns falantes em diferentes condições”³⁵, podemos entendê-la e tratá-la sob diferentes perspectivas.

Para o autor, no artigo supracitado, este fenômeno pode abarcar tanto situações de bilinguismo quanto variedades presentes dentro de um mesmo idioma, mas as situações predominantemente por ele tratadas são de bilinguismo. Nelas é feita uma distinção entre uma variedade valorizada, de prestígio, chamada por ele de H ('high') e outra, de baixo prestígio, denominada L ('low').

Ainda dentro desta conceituação podemos ressaltar o destaque dado por Ferguson ao estigma carregado por indivíduos ou comunidades de usuários da variedade L, uma vez que esta diferenciação advém do período da aquisição da linguagem e um falante da língua “L”, em casa, pode jamais conseguir atingir a variedade H, já que esta última é também mais complexa gramaticalmente.

Então, neste caso, somente um falante que dominasse H teria acesso aos mais diversos segmentos sociais e o indivíduo que adquirisse L estaria, de certa maneira, condenado a participar de situações em que fosse aceito o uso de sua variante desprestigiada, com restritas possibilidades de ascensão/integração.

Apesar destes e outros vários fatores de divergências entre H e L, podemos elencar alguns pontos de convergência, tais como alguns aspectos lexicais e fonológicos indicando que estas variedades estão inter-relacionadas e não estão limitadas “a nenhuma região geográfica ou linguagem familiar” (FERGUSON, 1959, p.245).

Esta definição de diglossia é ampliada por Fishman (1967) que ao criticar o fato de que Ferguson (1959) tratou de H e L como línguas sobrepostas; propõe então que

(...) a diglossia não existe somente em sociedades multilíngues que reconhecem oficialmente várias línguas mas também em sociedades que são multilíngues no sentido de que elas empregam dialetos distintos, registros ou variedades de qualquer tipo de linguagem funcionalmente diferenciadas (FISHMAN, 1967, p.30)³⁶.

³⁵ Do original em inglês: “*In many speech communities two or more varieties of the same language are used by some speakers under different conditions*”.

³⁶ Do original em inglês: “... *that diglossia exists not only in multilingual societies which officially recognize several “languages” but, also, in societies which are multilingual in the sense that they employ separate dialects, registers or functionally differentiated language varieties of whatever kind*”.

A expansão desta proposta é representada na Figura 1:

Figura 1 – As Relações entre Bilinguismo e Diglossia.

		Diglossia	
		+	—
Bilinguismo	+	1. Ambas, Diglossia e Bilinguismo	2. Bilinguismo sem Diglossia
	—	3. Diglossia sem Bilinguismo	4. Nem Diglossia nem Bilinguismo

Fonte: Forma adaptada de FISHMAN, 1967, p. 30.

Como podemos depreender, são propostas as quatro situações seguintes: 1) Diglossia com bilinguismo; 2) Bilinguismo sem diglossia; 3) Diglossia sem bilinguismo e, por fim; 4) Sem diglossia nem bilinguismo.

A comunidade de fala de que tratamos neste trabalho estará inserida num contexto predominantemente de diglossia sem bilinguismo e neste caso, de acordo com Fishman (1967), ocorre uma relação entre os códigos e a estrutura social, envolvendo situações de extrema desigualdade em que se sobressai uma variante que é a socialmente aceitável.

4.2.2 Língua-padrão e Língua não-padrão

Neste subcapítulo trataremos de diversas situações de diglossia ao propormos reflexões e análises acerca das diversas formas de cerceamento impostas a indivíduos e comunidades que não acessaram o capital intitulado língua-padrão.

Autores como Bourdieu (1996) associam a relação linguística a hábitos permeados por relações de poder, ou seja, ter acesso à língua-padrão seria adquirir um “capital” linguístico, cujo lucro advém da distinção perante o(s) outro(s). Esta língua oficial é um código que pode ser assim definido: “o código (na acepção de cifra) que rege a língua escrita, identificada à língua correta, por oposição à língua falada (*conversational language*), implicitamente tida como inferior, adquire força de lei no e pelo sistema de ensino” (BOURDIEU, 1996, p.35).

Para o autor, o Estado é responsável por propagar uma visão de um mercado linguístico unificado, uma vez que cria a necessidade de uso da língua-padrão em ocasiões e espaços oficiais, tornando esta um “produto normatizado”, cujo resultado mais significativo do trabalho de codificação e normatização da língua é o dicionário.

Além de prestigiar a língua-padrão, o Estado nomeia a escola como a grande transmissora deste capital, impedindo quem a ela não tem acesso, ou não pode nela permanecer, de fazer parte do “jogo social”. Desta maneira, como afirma Bourdieu (1996), a língua passa a ser vista como um tesouro quase inalcançável:

Contudo, o papel mais determinante na desvalorização dos dialetos e na instauração da nova hierarquia dos usos linguísticos é exercido pela relação dialética entre a escola e o mercado de trabalho, ou melhor, entre a unificação do mercado escolar (e linguístico), vinculada à instituição de diplomas escolares dotados de um valor nacional e independente (ao menos oficialmente) das propriedades sociais ou regionais de seus portadores, e a unificação do mercado de trabalho (...) (BOURDIEU, 1996, p.36).

Há, por assim dizer, todo um sistema de coerção disfarçada em que podemos ratificar que, apesar dos regionalismos (sotaques), existe um sistema maior que iguala os falantes da língua oficial, pois estes são regidos pelas mesmas regras gramaticais e lexicais, deixando claro um conjunto de diferenças linguísticas associadas às diferenças sociais.

Muitas vezes, ao fazermos a distinção acima, se faz necessário prestar alguns esclarecimentos. Esta divisão, no presente trabalho, não se dará no âmbito língua escrita/língua falada, este aspecto somente aparecerá para exemplificações; também não a enquadraremos dentro de uma visão dicotômica, mas, sim, como, Bortoni-Ricardo (2004), consideraremos a existência de vários *continua* nos diversos registros analisados.

4.2.3 Adequação

Encontramos em Ferguson (1959) referências às noções de adequação quando ele nos apresenta uma lista de situações e indica em qual delas devemos utilizar H (sermões na igreja; discursos políticos; cartas pessoais e etc.) ou L (conversas com familiares e amigos; instruções aos funcionários, garçons, operários e escriturários).

É importante destacarmos, porém, que apesar da diferenciação citada, a visão de adequação proposta pelo autor é tratada diferentemente da abordagem sociolinguista, pois, para o autor, apesar da separação, um membro pertencente à elite de determinada comunidade (usuário de H) pode ser visto como contraditório se usar a língua L, mesmo em uma situação informal.

4.2.4 Dados: descrição e análise

Conforme já relatado anteriormente, neste estudo nos propusemos a analisar, a partir de um levantamento quantitativo do *corpus* VarX (entrevistas narrativas), o emprego do Marcador Conversacional/Discursivo *né?* a fim de, a partir de diversas variáveis (extralinguísticas e linguísticas), identificar as particularidades próprias dos falares da comunidade de fala da cidade de Pelotas/RS.

Haja vista a quantidade de dados obtidos, podemos destacar que mesmo dependendo da associação de vários fatores estruturais e sociais, o MC *né?* é um fenômeno muito frequente na comunicação dos mais diversos grupos de falantes, como veremos a seguir.

Este subcapítulo será distribuído da seguinte maneira:

- Variáveis independentes extralinguísticas – gênero, classe social e faixa etária;

- Variáveis independentes linguísticas: ritmo de fala, tópico, marcas linguísticas de formalidade/informalidade e pausa. Neste caso, consideramos para a análise os dados dos informantes que produziram as formas variantes do MC *né?* (15 de 36).

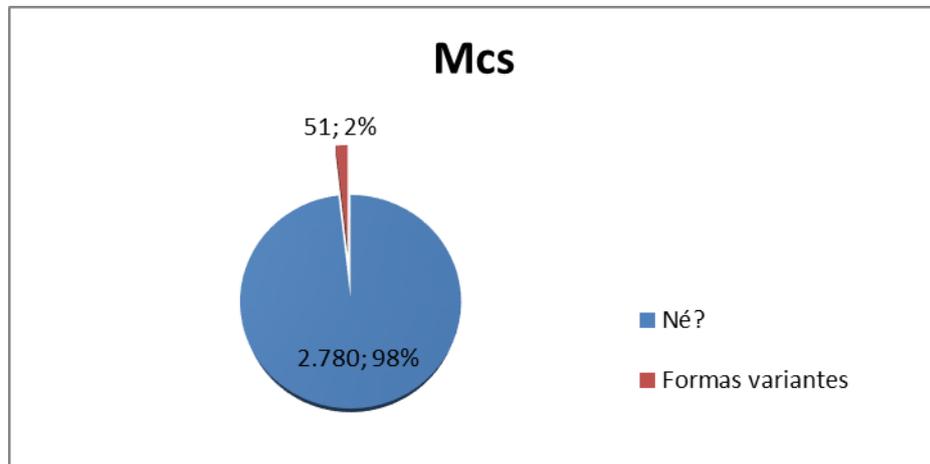


Gráfico 4 – Distribuição dos Marcadores Conversacionais *né?*/Formas variantes em porcentagem e número de ocorrências nos 36 informantes.

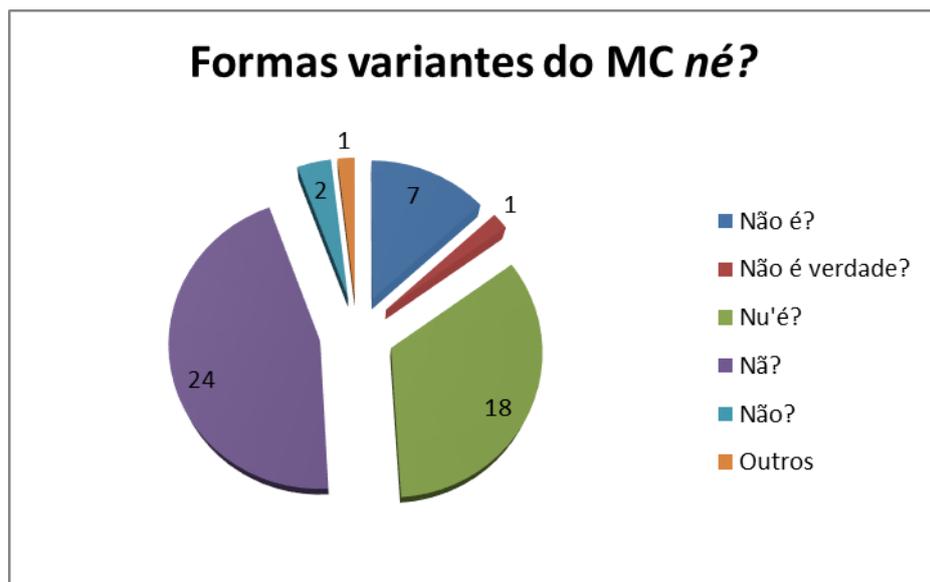


Gráfico 5 – Distribuição dos Marcadores Conversacionais *não é?*/*não é verdade?*/*nu' é?*/*nã?*/*nã?*/*outros* em número de ocorrências.

Com base nos gráficos acima, constatamos que o MC *né?* é responsável por 98% da totalidade das ocorrências com o expressivo número de 2.704 casos, com

isso posto podemos afirmar que é um marcador de uso muito frequente nesta comunidade de fala. Apesar das outras formas variantes deste marcador representarem apenas 2% das ocorrências, elas nos dão indícios bastante significativos tanto do processo de mudança/transformação do MC *né?* quanto das características linguísticas e extralinguísticas que o envolvem.

4.2.5.1 Gênero

Esta variável parece ser determinante para a ocorrência de MCs, como foi possível verificarmos no banco de dados escrito em que a ausência de personagens femininas acarretava a não ocorrência do MC *né?* e suas formas variantes. Nas 36 entrevistas analisadas do banco de dados VarX, vale destacar o fato de que as duas documentadoras eram mulheres, logo, sempre houve a “presença” feminina.

Legenda:

- Feminino = F;
- Masculino = M.

Tabela 2 – Total de ocorrências em números, porcentagem e peso relativo do MC *né?* e suas formas variantes divididas por gênero.

Gênero	Situação			Formas Variantes		Total	
	Oco	%	Peso	Oco	%	Ocorrências	%
F	1764	65	0,651	13	25	1777	64
M	940	35	0,244	40	75	980	36
Total	2704	100		53	100	2757	100

De maneira geral, somente a partir destes dados já podemos dizer que o MC *né?* é muito mais utilizado pelo gênero feminino com 1.764 ocorrências (65%) do total, este fato pode indicar que o MC *né?* é uma forma de prestígio (encoberto) nesta comunidade. Ao mesmo tempo, a utilização de “outras formas” variantes é muito maior (quase o triplo) nos informantes homens com 40 ocorrências frente 13

ocorrências nas mulheres, como podemos observar mais detalhadamente no gráfico a seguir:

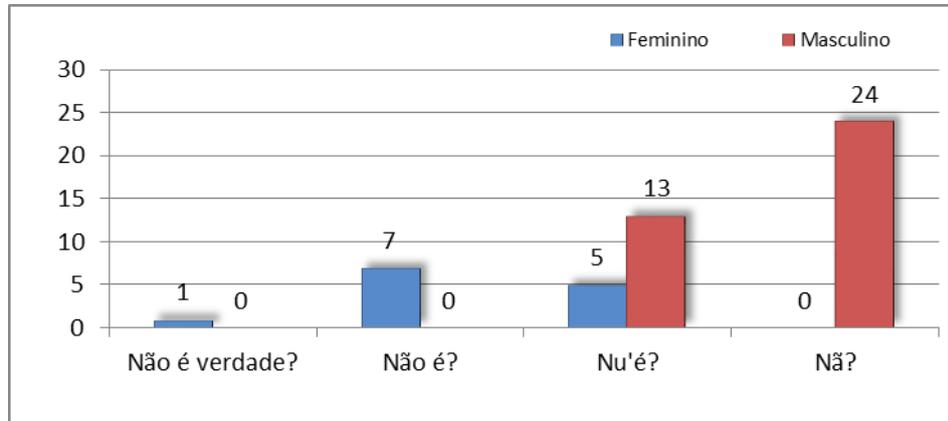


Gráfico 6 – Distribuição das ocorrências de algumas formas variantes do MC *né?* encontradas no *corpus*, segundo a variável gênero dos informantes.

A partir dos dados acima podemos depreender várias informações importantes, se relembrarmos o “percurso” sofrido pelo MC *né?* em seu processo de perda semântica e redução fonético-morfológica durante sua trajetória de mudança que segundo Alcântara e Martelotta (1996) é *não é verdade? >não é? >né?*, e parte da forma mais arcaica para a mais atual, constatamos, neste caso, que somente as mulheres fazem uso das formas mais antigas: “*não é verdade?*” com apenas duas ocorrências e “*não é?*” com sete ocorrências no total.

Podemos ratificar também que as formas “*não é verdade?*” e “*não é?*” são as formas marcadas em relação ao “*nu'é?*”, “*né?*” e “*nã?*”, conforme os três critérios principais que regem as categorias de estruturas marcadas e não-marcadas, segundo Cunha, Costa & Cezario (2003) já descritos no item 2.2.1.

Além das constatações acima podemos destacar ainda que as formas “*não é verdade?*” e “*não é?*” utilizadas somente pelas mulheres são as mais próximas do português-padrão e vão ao encontro de outros estudos sobre esta mesma comunidade de fala como vemos primeiramente em Amaral (2003: 145) em que a concordância verbal de segunda pessoa do singular é mais utilizada pelas mulheres do que pelos homens:

Está demonstrado que as pessoas do gênero feminino parecem valorizar mais as formas com concordância do que as do gênero

masculino. As mulheres (com 10% de aplicação) usaram o dobro de concordância de segunda pessoa do singular do que os homens (5%) (AMARAL, 2003, p.145).

Em contrapartida, ficou a cargo dos homens a exclusiva produção da forma “*nã?*” (24 ocorrências)³⁷, ratificando estudos que indicam que os homens utilizam as formas mais distanciadas do padrão.

A única forma variante do MC *né?* compartilhada pelos dois gêneros é a forma “*nu'é?*”, mas mesmo assim há uma disparidade na produção: mulheres – cinco ocorrências e homens – 13 ocorrências, confirmando a predominância dos usos mais distanciados do padrão no gênero masculino.

Vejamos alguns exemplos destes usos³⁸:

a) - Inf: ... é muito agradável... de escolas também:: *não é?* ãhn... nós estudamos em escolas muito boas... numa época muito boa... [VarX 74 (11:52)] – F

b) – Inf: ... éh:: quer dizer... não... ã/não talvez o:: os que [] não tem nada a ver... *não é verdade?* então mas eu devia tá passando por alguma coisa naquele momento e que me deu... [VarX 74 (23:17)] – F

c) – Inf: ... acho que não... a pessoa tem que saí *né?*... a pessoa tem que saí... mercado de trabalho não tem... *não é?*... eu sei porque eu tenho uma... [VarX 90 (04:49)] – F

d) – Inf: ... assim ó... a gente se cuidá:: *né?* a higiene corporal *nu'é?*... e: tudo entendesse... e assim agora... [VarX 02 (16:59)] – F

e) – Inf: ... quando eu fui mi dá di conta já tava na hora di vir pra cá... *nu'é?* aí eu mandei ele pra casa... [VarX 61 (51:48)] – M

f) – Inf: ... mas esses lugares também já estão muito explorados *não?*... eu ouço profissionais se queixarem... [VarX 70 (11:30)] – M

³⁷ Também verificamos no gênero masculino as seguintes formas variantes: “*nã?*” (duas ocorrências) e “*é?*” (uma ocorrência).

³⁸ Normas de transcrição vide anexo B.

g) – Inf: ... pega uma especialidade que goste e faça... né? isso é em todas as carreiras... nã?... [VarX 88 (16:01)] – M

h) – Inf: ... Pelotas deveria ter mais:: mais restaurantes i melhores... nã?... Pelotas tem muito Buffet de kilo... [VarX 59 (14:12)] – M

4.2.4.2 Classe social

Conforme já explicitado (Amaral, 2003) esta é a principal variável deste trabalho de acordo com a estruturação do *corpus* VarX e esperamos encontrar, conforme hipótese descrita na página 16, mais ocorrências do MC *né?* nos indivíduos pertencentes à classe baixa pelos mesmos valerem-se de um menor repertório linguístico.

Legenda:

- Classe Baixa = B;
- Classe Média Alta = A.

De acordo com o esperado, encontramos um maior número de ocorrências do MC *né?* nos informantes da classe baixa pelos motivos já indicados (63%) e, por conseguinte, esse grupo de falantes apresenta uma menor produção de “outros” marcadores (formas variantes do MC *né?*), estes últimos representam apenas 1% do total de MCs analisados neste grupo. O grupo pertencente à classe média alta é responsável por aproximadamente 36% do total das ocorrências do MC *né?* e também por 39 ocorrências de formas variantes, quase o triplo da produção do outro grupo, representando 4% do total das ocorrências neste grupo como podemos observar na tabela e nos gráficos abaixo:

Tabela 3 – Distribuição dos MCs na variável classe social em número de ocorrências, porcentagem e peso relativo.

Situação Classe Social	Né?			Formas Variantes		Total	
	Oco	%	Peso	Oco	%	Ocorrências	%
B	1715	63	0,643	14	26	1729	63
A	989	37	0,272	39	74	1028	37
Total	2704	100		53	100	2757	100

Também é relevante verificarmos como se dá a distribuição das formas variantes nestes dois grupos de falantes uma vez que há estruturas marcadas e estruturas não-marcadas que se distribuem de maneira desigual entre os diferentes grupos analisados.

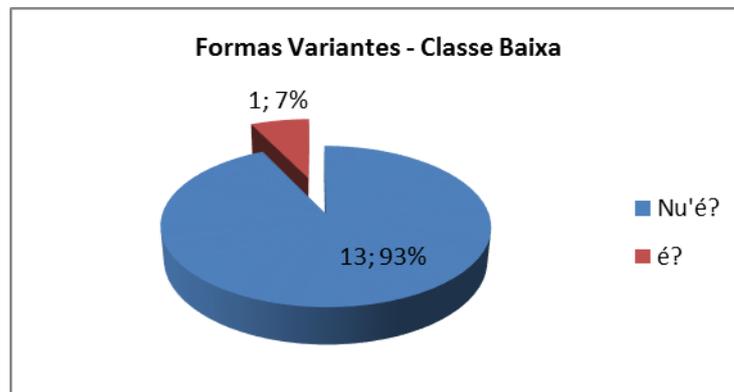


Gráfico 7 – Distribuição das formas variantes nos indivíduos do grupo classe baixa em número de ocorrências e porcentagem.

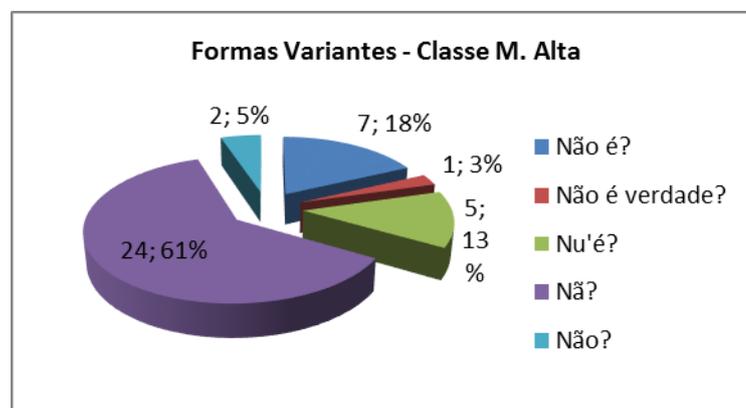


Gráfico 8 – Distribuição das formas variantes nos indivíduos do grupo classe média alta em número de ocorrências e porcentagem.

É interessante observarmos nos gráficos acima como se dá de maneira bastante heterogênea a distribuição das formas variantes dos grupos em questão:

assim como na variável gênero, a única forma em comum na produção dos dois grupos é a variante *nu'é?* (forma não-marcada) e mesmo assim, esta forma representa 93% das ocorrências dos informantes pertencentes à classe baixa, em contraponto a 13% das ocorrências verificadas no grupo classe média alta.

Outro fator relevante é a ocorrência das formas marcadas “*não é verdade?*”, “*não é?*” e “*não?*” somente nos falantes do grupo classe média alta que além de produzirem, segundo os princípios da marcação, as formas mais complexas cognitivamente, também apresentam uma maior variabilidade de formas variantes em seu repertório linguístico.

4.2.4.3 Faixa etária

A última variável independente extralinguística a ser descrita e analisada, e que nos textos teatrais mostrou-se determinante para as ocorrências das formas mais antigas como o “*não?*”, o “*não é verdade?*” e o “*não é?*” na faixa etária mais elevada, portanto é importante verificarmos se o mesmo ocorre neste banco de dados, entre outros fatores.

A legenda adotada para esta variável foi:

- Faixa etária 1 = 16-25 anos;
- Faixa etária 2 = 26-49 anos;
- Faixa etária 3 = 50 anos ou +.

Tabela 4 – Distribuição do MC *né?* e suas formas variantes de acordo com a faixa etária dos informantes em número de ocorrências e porcentagem.

Situação	Né?			Formas Variantes		Total	
	Oco	%	Peso	Oco	%	Ocorrências	%
Faixa etária 3	927	34	0,240	38	72	965	35
Faixa etária 2	631	23	0,449	10	19	641	24
Faixa etária 1	1146	43	0,747	5	9	1151	41
Total	2704	100		53	100	2757	100

De acordo com a distribuição acima, o grupo com maior número de ocorrências do MC *né?* são os jovens (faixa etária 1) conforme esperávamos, visto os resultados dos textos teatrais, seguidos pela faixa etária 3 (34%) e por fim, pela faixa etária 2 (23%).

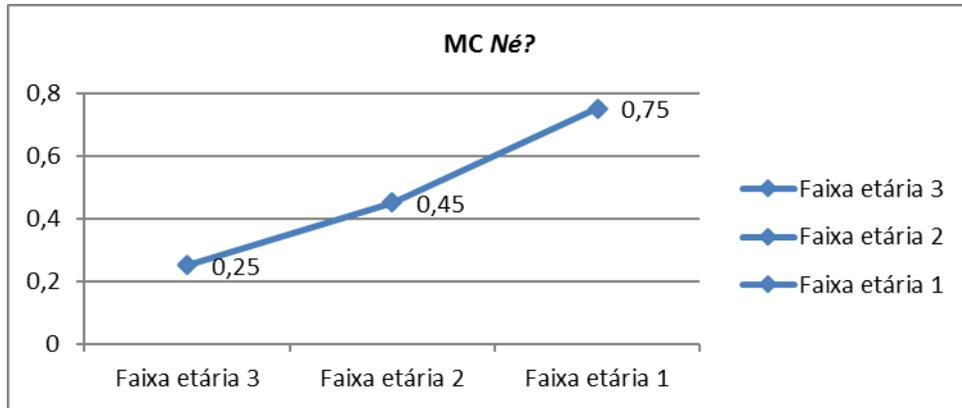


Gráfico 9 – Distribuição por faixa etária do MC “né?” (em peso relativo).

Ao observarmos o gráfico acima, podemos depreender informações que o número de ocorrências e a porcentagem não nos dão, por meio do peso relativo, percebemos como o MC *né?* se insere na mudança linguística. Os três pesos relativos demonstram o percurso da mudança, e neste caso, é uma mudança em curso que vem crescendo (mudança em tempo aparente). É uma forma recente, como vimos no banco escrito, que entrou em uso sistemático há pouco tempo.

Importante também observarmos como se dá esta distribuição juntamente com as formas variantes:

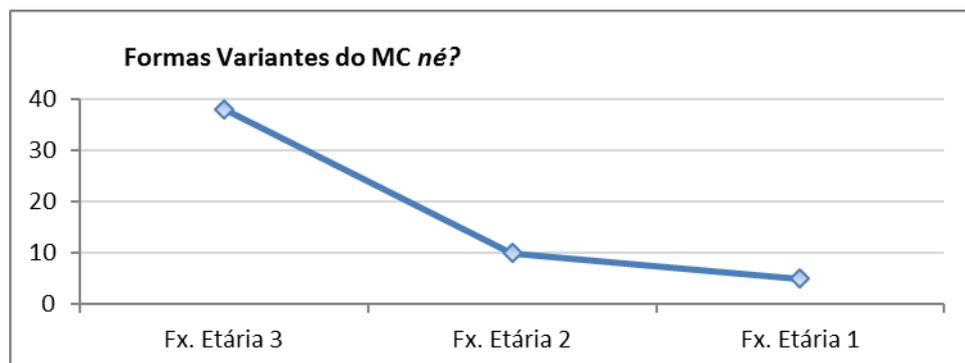


Gráfico 10 – Distribuição por faixa etária das formas variantes do MC “né?” (em números de ocorrências).

Como podemos observar o número de ocorrências das formas variantes do MC *né?* segue uma ordem decrescente: faixa etária 3 > faixa etária 2 > faixa etária 1, este decréscimo também é verificado quando observamos a proporção de ocorrência destas formas variantes frente a ocorrência do MC *né?*: faixa etária 3 (4%) > faixa etária 2 (2%) > faixa etária 1 (1%) do total de ocorrências.

Também podemos constatar, observando o gráfico e tabela acima, que a ocorrência das formas variantes aparece predominantemente na faixa etária 3 (72%), seguida pela faixa etária 2 (19%) e por fim, a faixa etária 1 (9%).

Tabela 5 – Número de ocorrências do MC *né?* e de suas formas variantes por faixa etária.

	<i>Né?</i>	<i>Não é?</i>	<i>Não é verdade?</i>	<i>Nu'é?</i>	<i>Nã?</i>	<i>Não?</i>	Outros
Faixa etária 3	927	7	1	12	16	1	1
Faixa etária 2	631	0	0	3	6	1	0
Faixa etária 1	1146	0	0	3	2	0	0

A tabela acima ratifica os indícios encontrados nos textos teatrais em que a faixa etária mais elevada mostrou-se determinante para a ocorrência das formas mais antigas e marcadas como o “*nã?*”, o “*nã é verdade?*” e o “*nã é?*”, com somente uma ocorrência (“*nã?*”) na faixa etária 2 e 0 ocorrências na faixa etária 1.

Vale destacar que no banco de dados escrito observamos que o MC *né?* não apareceu nas produções dos indivíduos + 45 anos (gráfico 3), este grupo também foi responsável pela maior utilização da forma “*nã?*” mesmo no momento em que a forma “*nã é?*” passa a ser a forma mais frequente, daí advém que 72% das variantes do MC *né?* são das formas produzidas pelos informantes da faixa etária 3.

4.2.4.4 Ritmo de fala

Consideramos a necessidade de avaliar esta variável ao observamos um número expressivamente maior de ocorrências do MC *né?* no gênero feminino e também ao fato de que os homens, nas entrevistas analisadas, falavam mais pausadamente do que as mulheres.

Para esta apreciação, nos propusemos a transcrever trechos de 20 a 30 segundos de cada entrevista (dos informantes que produziram formas variantes de *né?*) levando em conta o número de segmentos fônicos constantes neste espaço de tempo (com ocorrências do MC *né?* em sequência) com o objetivo de verificar se esta variável é determinante para a ocorrência ou não do MC *né?* e suas formas variantes.

Vejamos algumas destas transcrições:

- Inf: “... também nem podia *né?*... nem podia porque quase morreu encarangado... *né?*:: i:: i eu seguia trabalhando lá sempre por causa que::... é:: eu quando chegava na trilhadeira eu quando chegava na trilhadeira eu ficava na volta... pulando ali *né?*::...ãhn das coisa de muleque *né?* pulando ia lá nas descarga metia as mão *né?* aquecia e tudo...” [VarX 61 – (21:10 – 21:35)] – M (5 ocorrências).
- Inf: “... histórias tem muitas na vida da gente é que a gente tem que parar pra pensar *né?*... (doc.) ãhm? (doc) ah::: sim... a gente sempre brincô muito::: aquela época existia mais essa coisa da brincadeira *né?* ao relento... que não existiam tantos recursos como hoje... a televisão mesmo nem:: tinha *né?*... a gente mesmo inventava os brinquedos *né?*... e assim na volta da casa...” [VarX 70 (15:30 – 15:55)] – M (4 ocorrências).
- Inf: “... a gente faz muita coisa a gente canta a gente brinca bastante *né?* pra::: por causa do::: cume do::: a chã/é a chama crioula e tá acesa lá *né?* e eles a/ (doc.) e eles a e é a gente fica ali a gente acende a lareira e fica tudo ali *né?* na volta *né?* reunindo ali bastante gente *né?*...” [VarX 78 – (11:10 – 11:30)] – F (5 ocorrências).
- Inf: “... compartilhava vamos dizer não sei se é a expressão certa *né?* e nós ali criança também *né?*... era um momento muito agradável agora mesmo hoje é o dia do amigo... então a minha irmã tava telefonando pra amigas de nossa infância *né?*... tava telefonando pras amigas... eu... eu não sou muito de di/dia do amigo dia disso porque eu acho que todos os dias são *né?*...” [VarX 74 – (11:04 – 11:24)] – F (4 ocorrências).

Depois de examinarmos os trechos transcritos, averiguamos que esta variável não é relevante para a análise das ocorrências do MC *né?* e suas formas variantes; ou seja, o fato de um indivíduo falar mais rapidamente ou mais pausadamente não influenciou de forma significativa a ocorrência/ausência dos MCs supracitados.

4.2.4.5 Tópico

Consideramos a necessidade de investigação desta variável nos informantes que produziram as formas variantes do MC *né?* visto que já foi constatado em estudos anteriores desta comunidade de fala (Amaral, 2003) que o assunto entre o entrevistado e o documentador possa ser determinante para a produção de formas mais próximas ou distantes do português padrão,

É possível que o tópico da conversa entre o entrevistado e o entrevistador tenha algum tipo de interferência sobre a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular. Pareceu-me, em observações assistemáticas, que assuntos relacionados à escola ou a bens culturais valorizados pelas classes mais altas (teatro, artes plásticas, literatura, etc.) favorecem a adoção de estilos mais formais e, por conseguinte, com maior taxa de concordância (AMARAL, 2003, p. 104).

Adotamos o seguinte rótulo para nomear as ocorrências:

- Tópico que favorece a formalidade – F;
- Tópico que favorece a informalidade – I.

Para a realização deste levantamento, analisamos o “entorno” das formas variantes do MC *né?*, observamos qual era o tema em questão durante a produção dessas formas, ou seja, se era um tipo de assunto que favorecia ou não a informalidade: temas pessoais e familiares, por exemplo, favorecem o estilo informal.

Tabela 6 – Distribuição por tópico do MC *né?* e suas formas variantes em número de ocorrências e porcentagem.

Tópico	Situação	Né?		Formas Variantes		Total	
		Oco	%	Oco	%	Ocorrências	%
Tópico F.		19	36	26	49	45	42
Tópico I.		34	64	27	51	61	58
Total		53	100	53	100	106	100

Como podemos depreender da tabela acima, o maior número de ocorrências na totalidade do MC *né?* e suas formas variantes se dá no tópico informal com 58% das ocorrências, ou seja, este tipo de assunto favorece o estilo informal (maior uso de MCs) de acordo com nossa hipótese apresentada na página 17.

De acordo com os dados acima, observamos um número expressivamente maior do MC *né?* no tópico informal: 34 ocorrências frente 19 no tópico formal, e vai ao encontro da totalidade das ocorrências: maior número de ocorrências de MCs em tópicos informais. Com relação às formas variantes do MC *né?*, a distribuição ocorre de forma quase igualitária entre os dois tipos de tópico. Verificamos, então, a necessidade de “desmembrar” estas formas, pois elas diferem em formas de maior ou menor prestígio.

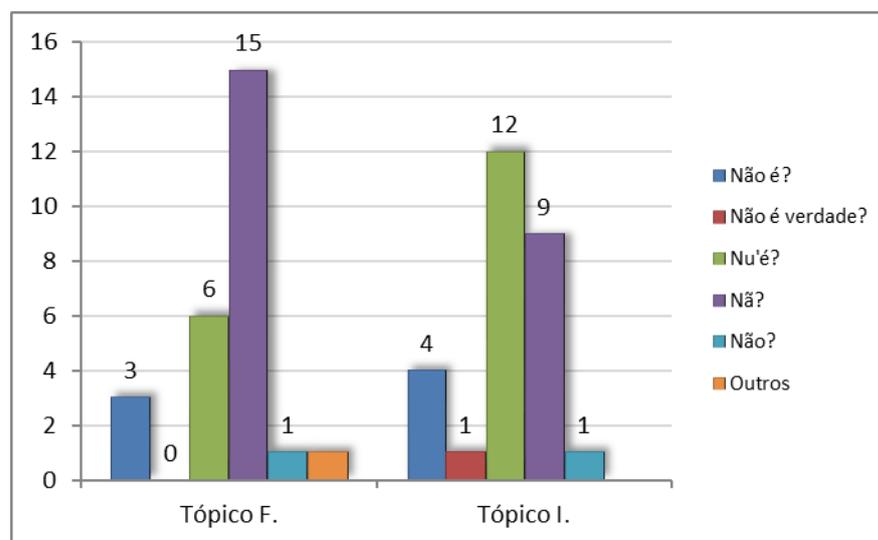


Gráfico 11 – Distribuição por tipo de tópico das formas variantes do MC *né?*, em número de ocorrências.

Conforme os dados acima a única diferença significativa entre os dois tipos de tópico é nas formas variantes “*nu' é?*” e “*nã?*”, no entanto, estas duas formas aproximam-se do estilo informal, mais distantes do padrão e das formas de prestígio,

ou seja, elas estão na mesma categoria, o que nos indica que a variável tópico não é relevante para a ocorrência ou não das formas variantes do MC *né?*.

Contudo, se considerarmos as variáveis extralinguísticas, podemos encontrar explicações para o ocorrido: o dobro de ocorrências de “*nu’é?*” no tópico informal pode decorrer do fato desta forma variante ser a mais utilizada (93%) pelos informantes pertencentes à classe baixa, uma vez que estes discorrem mais sobre temas pessoais e familiares; já a forma “*nã?*” com maior número de ocorrências no tópico formal é totalmente utilizada por indivíduos da classe média alta e são eles que abordam em maior número temas deste tipo de tópico como teatro, viagens ao exterior, obras de arte, literatura e etc., como já descrito em Amaral (2003).

A distribuição praticamente homogênea das demais formas variantes (*não é?/ não é verdade?/ não?/ é?*) pode ser explanada pelo fato de que quase a totalidade destas formas, com exceção de apenas uma ocorrência de “*nã?*” na faixa etária 2, é produzida pelos falantes da faixa etária 3. Vale a pena destacar também que esse grupo etário é responsável por 72% das ocorrências das formas variantes do MC *né?*.

Estes falantes, então, não fariam uma distinção de formalidade no uso de uma ou outra forma, já que estas formas mais antigas eram ainda bastante utilizadas quando estes indivíduos eram jovens como pudemos observar nas ocorrências do banco de dados escrito (gráficos 1 e 2) que em meados da década de 1940 a forma “*nã?*” cai em desuso, prevalecendo a forma “*não é?*” que entra em variação com a forma “*né?*”.

4.2.4.6 Marcas linguísticas de vizinhança

Também investigamos esta variável nos indivíduos que produziram formas variantes do MC *né?* para averiguarmos se ela é determinante no aparecimento destas formas.

Estas ocorrências foram identificadas da seguinte maneira:

- Marcas linguísticas de formalidade – X;
- Marcas linguísticas de informalidade – Y;

- Dúvida – [/].

Consideramos como marcas linguísticas de formalidade o uso do plural, a concordância padrão e a opção de uso de “está” ao invés da forma “tá”, por exemplo.

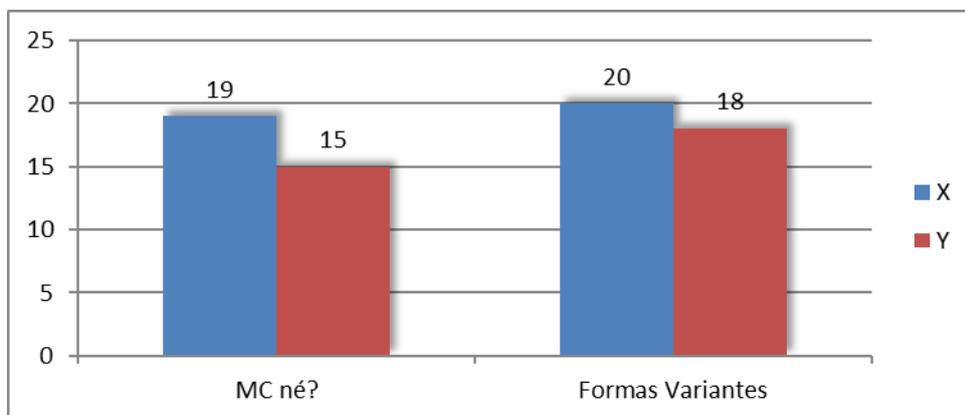


Gráfico 12 – Distribuição por marcas linguísticas do MC *né?* e suas formas variantes, em número de ocorrências.

De acordo com o gráfico acima percebemos que está variável não é relevante no aparecimento do MC *né?* e/ou de suas formas variantes, a distribuição se dá de forma quase homogênea tanto na forma X quanto na forma Y, além do que há muitos casos de dúvida [/] em que os entrevistados mesclam as duas marcas (formalidade/informalidade).

4.2.4.7 Pausa³⁹

Diferentemente das três variáveis linguísticas acima analisadas, a pausa mostrou-se um elemento relevante para o aparecimento do MC *né?* e de suas formas variantes. Primeiramente achamos que seria suficiente apenas verificarmos a ocorrência ou não da pausa no entorno dos MCs, mas depois, ao observarmos os trechos transcritos optamos pela seguinte classificação:

³⁹ Neste trabalho, consideramos também como pausa os alongamentos de vogais.

- A = pausa antes do MC;
- B = pausa antes e depois do MC;
- D = pausa depois do MC;
- Ø = sem pausa.

Vejamos:

Tabela 7 – Distribuição da localização das pausas no MC *né?* e suas formas variantes em número de ocorrências e porcentagem.

Pausa	Situação	Né?		Formas Variantes		Total	
		Oco	%	Oco	%	Ocorrências	%
A		7	13	23	43	30	28
B		10	19	13	25	23	22
D		28	53	12	23	40	38
Ø		8	15	5	9	13	12
Total		53	100	53	100	106	100

De acordo com a tabela acima, notamos que a maioria das ocorrências de marcadores se dá seguida por uma pausa (38%), a segunda forma mais frequente é com a pausa antes do MC (28%), seguida das formas menos frequentes: B – 22% e Ø – 12%. Necessário destacar que se encontram evidências favoráveis para nossa hipótese (p.19) de que o maior número ou a ocorrência de pausas favorece o uso de marcadores, pois ela está presente em 88% das ocorrências acima descritas. Neste caso o MC *né?* e suas formas variantes foram analisados conjuntamente, porém também é importante verificarmos como esta variável se comporta em cada caso.

Como podemos depreender, as ocorrências de pausas nas localizações B e Ø não favorecem uma ou outra forma, visto a pequena diferença quantitativa encontrada entre elas. Nos casos das localizações A e D há uma diferença significativa na quantidade de ocorrências, fato este que pode nos apontar alguns indícios como, por exemplo:

- O maior número de ocorrências das formas variantes do MC *né?* precedidas por pausa (**A**), pode significar um tempo necessário para o falante escolher um outro

MC diferente do MC *né?*, ressaltando o fato de que os indivíduos pertencentes à faixa etária 3 dominam estas produções com 72% do total de ocorrências.

- A grande ocorrência do MC *né?* em **D** pode indicar, mesmo sem troca de turnos, que o falante espera algum sinal de assentimento do ouvinte: seja através de um marcador não verbal (gesto, aceno de cabeça) ou mesmo por meio de algum marcador verbal que não conseguimos registrar, reforçando o grande uso de *né?* em uma de suas funções, neste caso como pergunta retórica conforme descrito no item 2.2.2.1 Discursivização do *né?*.

Isto posto, verificamos a necessidade de analisar especificamente como estão distribuídas as formas variantes nas localizações A e D pois, como apontamos no item 4.2.5.1 percebemos indícios de que o MC *né?* possa ser uma forma de prestígio encoberto, para ratificar esta informação precisamos averiguar se as formas variantes mais próximas do padrão aproximam-se do MC *né?*.

Para a realização da investigação acima descrita, agrupamos as formas variantes da seguinte maneira:

- Formas variantes mais próximas do padrão = P, estão neste grupo as formas “*não é verdade?*”, “*não?*” e “*não é?*”;
- Formas variantes mais distantes do padrão = Q, compõem este grupo as formas “*nu’é?*”, “*nã?*” e “*é?*”.

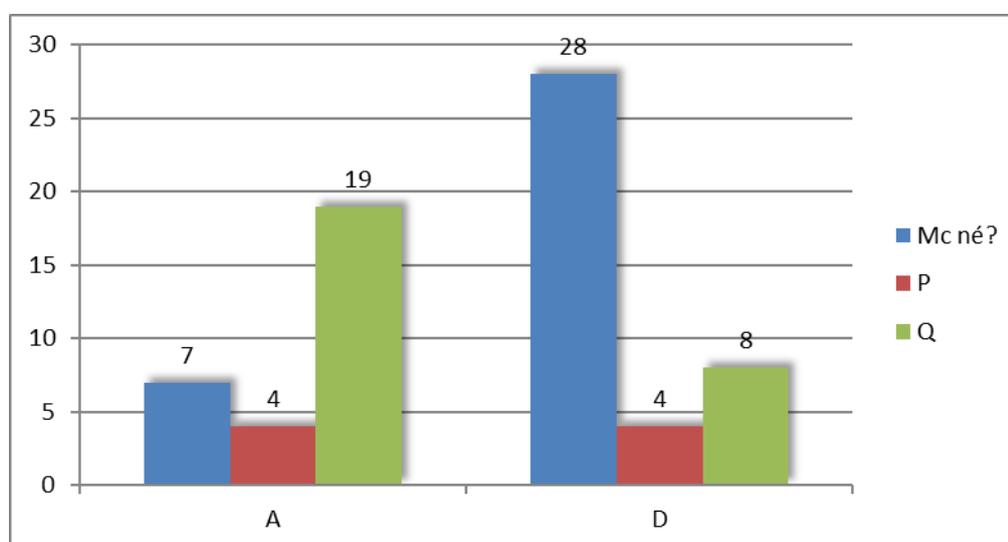


Gráfico 13 – Distribuição por localização das pausas do MC *né?* e dos grupos de formas variantes P e Q, em número de ocorrências.

A distribuição apresentada no gráfico acima talvez possa ser explicada pelo fato de que a pausa estar localizada antes do MC (**A**) pode favorecer seus usos na função de marcadores discursivos e preenchedores de pausa daí a maior ocorrência das formas “*nu'é?*” e “*nã?*”, pois estas formas estariam nas etapas mais avançadas do processo de discursivização do MC *né?* conforme descrito por Martelotta & Alcântara (1996) e já explicitado no item 2.2.21. O MC *né?*.

As formas variantes do tipo P possuem uma distribuição igualitária nas localizações **A** e **D**, pois estas formas não estão mais em processo de variação, no caso do MC *né?* ele seria a forma preferida em relação às formas “*nu'é?*” e “*nã?*” (mais recentes) nos usos que exigissem as funções mais antigas do processo de discursivização, como nos casos de perguntas retóricas e não retóricas.

5 CONCLUSÃO

Conforme constatamos no banco escrito, o MC com o maior número de ocorrências é o “*não é?*” (39 ocorrências), seguido pelas formas “*não?*” (20 ocorrências) e “*né?*” (16 ocorrências), esta constatação deve-se, neste caso, pelo fato de que o MC “*não é?*” é utilizado por um período de tempo maior que os outros dois MCs, aparecendo primeiramente em variação com o MC “*não?*” e, depois, com o aparecimento do MC “*né?*” o “*não?*” cai em desuso e as formas variantes passam a ser “*não é?*” e “*né?*”.

Importante destacarmos também que nas peças pertencentes à segunda metade do século XIX, a forma “*não?*” era a mais frequente, mas seu declínio coincide com o aumento de ocorrências da forma “*não é?*”, outro fator determinante parece ser o aparecimento da forma “*né?*” justamente quando a forma “*não?*” atinge seu menor número de ocorrências, de acordo com o observado no gráfico 2 (p.81).

Partindo dos dados quantitativos acima descritos, delineamos a análise extralinguística de seus usos e de acordo com o observado no gráfico 3 (p.82) constatamos que a forma mais antiga (“*não?*”) é a mais utilizada pelos personagens mais velhos e a maioria dos usos de “*não é?*” fica a cargo dos personagens mais jovens. Quando as formas variantes passam a ser “*não é?*” e “*né?*”, este último é predominantemente utilizado pelos personagens mais jovens, o que pode indicar que os dramaturgos associavam a inovação linguística a este grupo etário.

De maneira geral, podemos relatar que em todos os MCs se nota uma utilização maior pelos mais jovens. O uso de “*não?*” era mais associado ao gênero masculino, enquanto o “*não é?*” era mais atribuído ao gênero feminino. O “*né?*” é claramente marcado como uma inovação linguística, liderada pelo gênero masculino. Observamos ainda que a intensificação de uso foi maior em “*não é?*”, pelas mulheres (mais próximo do padrão), e “*né?*”, pelos homens (mais afastado do padrão).

Quando de seu aparecimento, nos textos teatrais de Plínio Marcos, o MC “*né?*” é predominantemente atribuído às personagens que pertencem a uma classe social desprestigiada e representam indivíduos marginalizados como prostitutas, travestis, homossexuais e etc. Podemos ainda dizer que tal escolha feita pelo autor

não é aleatória quando atentamos para o fato de que o MC “né?” aparece de forma isolada, sem alternância com a forma “não é?” e também podemos destacar que personagens com maior “prestígio” social como o Repórter e o Delegado da peça *Querô, uma reportagem maldita* (1979) não utilizam o MC acima referido.

Em Caio F. Abreu nos chama a atenção a ausência da forma “né?” em peças posteriores às de Plínio Marcos, décadas de 1970 e 1980, com muitos personagens jovens e do gênero feminino. Atribuímos este fato ao estilo do autor, uma vez que ele também resgata formas quase em desuso como o MC “não?” para alternar com a forma “não é?”, optando, por não utilizar o MC “né?”; ao contrário de seu contemporâneo e conterrâneo gaúcho Ivo Bender em que, nas duas peças analisadas, verificamos como era esperado, a alternância entre as formas “não é?”/“né?”, esta última aparece na fala de um indivíduo muito jovem e de classe baixa (João, de *O cabaré de Maria Elefante*).

Com relação ao banco de dados escrito, pudemos constatar que as formas *não é verdade?/ não é mesmo?/ não é assim?/ não?* estão em desuso, mas não desapareceram por completo, são mais utilizadas em contextos de situações com maior grau de formalidade, por pessoas de classe social mais elevada e por pessoas de faixa etária superior a 50 anos; ou ainda, simplesmente devido à razões estilísticas dos autores.

Outros indícios importantes constatados nestes dados são referentes a quais grupos parecem ser os responsáveis pelo uso das formas mais recentes que são os jovens e os indivíduos de classe baixa, a presença de personagem do gênero feminino também parece ser relevante para o aparecimento do MC “né?”, nestes casos.

Já nos dados de oralidade, constatamos que o MC “né?” é responsável por 98% da totalidade das ocorrências contando com 2.704 casos distribuídos heterogeneamente nos 36 informantes.

O maior número de ocorrências do MC “né?” concentra-se no gênero feminino com 65% e peso relativo de 0,651, classe social baixa 63% e peso relativo de 0,643 e faixa etária 1 (os mais jovens) com 41% e peso relativo de 0,747; ou seja, confirma os indícios delineados pelo banco escrito.

Ao cruzarmos os dados, os resultados mais significativos confirmam as informações acima:

(Gênero x Classe social)

- Gênero feminino x classe baixa: 1.136 ocorrências do MC “né?” representando 100% do total; em contraponto está o gênero masculino x classe média alta: com 361 ocorrências, que representam 93% das produções.

(Classe social x Faixa etária)

- A menor concentração/número de ocorrências aparece na classe média alta e faixa etária 3: 295 ocorrências (92% do total); em contraposição está a classe baixa e faixa etária 1: 704 ocorrências (100%).

(Gênero x Faixa etária)

- As maiores concentrações acontecem ambas no gênero feminino e nas faixas etárias 1 e 2 com 825 (100%) e 466 ocorrências (100%), respectivamente; o oposto se dá no gênero masculino e faixa etária 2 com 165 oc. (94%).

As outras formas variantes deste marcador representam apenas 2% (53) das ocorrências, distribuídas em 15 dos 36 informantes analisados. Neste caso, se considerarmos as três variáveis extralinguísticas, são os homens de classe média alta e faixa etária 3 que mais utilizam estas formas. Vale destacar que, assim como no banco escrito, os homens são responsáveis pela inovação linguística distanciada do padrão, pois todas as produções da forma “nã?” ocorrem no gênero masculino. A outra forma variante muito utilizada pelos homens, o “nu’é?”, também é distanciada do padrão, ou seja, somente o “nã?” por eles utilizado (2 ocorrências) não é uma forma desprestigiada.

As mulheres da faixa etária 3 são responsáveis por 12 das 13 ocorrências das formas variantes encontradas neste *corpus* e elas são responsáveis pela produção da maioria das formas de prestígio: “não é verdade?” e “não é?”, compartilhando com o gênero masculino somente o uso da forma “nu’é?” (5 ocorrências).

As variáveis linguísticas nos mostram que ritmo de fala e marcas linguísticas de formalidade/informalidade não são determinantes para as ocorrências do MC “né?” e de suas formas variantes; como era esperado, a maioria das produções dos MCs se dá em tópicos informais (58%) e na presença de pausas (88%) sendo estes dois fatores determinantes para as ocorrências.

Com as observações acima relatadas destacamos o fato da menor ocorrência de MCs na fala dos homens, em todos os grupos levantados, o que pode indicar uma necessidade de marcar identidade por meio do estabelecimento da diferença

em suas produções orais frente ao gênero feminino, fato este relevante principalmente entre os homens de classe baixa. Também podemos ressaltar o menor número de ocorrências do MC “*né?*” e suas formas variantes na faixa etária 2 (gráfico 9), este fato pode ser decorrente da maior concentração de pessoas deste grupo no mercado de trabalho, havendo assim, um maior monitoramento por parte destes entrevistados.

Assim, o banco escrito nos mostrou não só o percurso fonético-morfológico do MC *né?*, mas também nos deu indícios de seus usos delineando quais variáveis eram determinantes ou não para a ocorrência do MC *né?* e suas formas variantes. O banco oral confirmou as evidências encontradas no banco escrito onde constatamos um expressivo número de ocorrências do MC *né?*, com maior concentração no gênero feminino, classe baixa e faixa etária 1 (aspectos extralinguísticos).

Desta maneira, ratificamos algumas hipóteses apresentadas na introdução deste trabalho, outras não puderam ser confirmadas, como a relevância do ritmo de fala e das marcas linguísticas de vizinhança, fato este importante e que nos motivou a buscar diferentes alternativas que pudessem então ajudar a explicar como se dá a ocorrência/ emprego do MC *né?* e suas formas variantes, tais como o tipo de tópico e as pausas, por exemplo.

Importante também destacarmos algumas limitações deste trabalho, como por exemplo, a dificuldade em encontrar uma grande variedade de autores teatrais. No caso específico do escritor Caio Fernando Abreu, não encontramos as formas variantes (do MC *né?*) esperadas para a década de 1980 e atribuímos este fato ao estilo do autor, que também se mostrou muito formal para peças teatrais. Conforme já descrito, este trabalho embasou-se nas teorias do Funcionalismo norte-americano e da Sociolinguística Variacionista, ressaltamos que desdobramentos possíveis desta dissertação possam vir por meio de estudos com base em outras teorias, tais como Estilística, Estudos Culturais (identidade, diferença e relações de poder) e etc.

Por fim, ao retomarmos os dados do gráfico 2 (banco escrito), observamos que o MC *né?* surge entre as décadas de 1940 e 1950; as variantes anteriores ao seu aparecimento eram as formas *não?/não é?*, depois, as formas variantes passam para *não é?/né?*. Com a inserção do MC *né?* no processo de mudança linguística, percebemos um número de ocorrências crescente deste marcador, daí a importância dos dados advindos do gráfico 9 que nos mostra a mudança em tempo aparente

deste marcador: faixa etária 3 – peso relativo 0,25 < faixa etária 2 – peso relativo 0,45 < faixa etária 1 – peso relativo 0,75. Os dois gráficos acima referidos são complementares, pois os indivíduos pertencentes à faixa etária 3 (50 anos ou +) nasceram antes de 1950 visto que as gravações do VarX datam do ano 2000, logo estes indivíduos “acompanharam” o surgimento do MC *né?* evidenciando (vide gráficos 2 e 9) que o *né?* é uma forma que entrou em uso sistemático há pouco tempo, também por esta razão, é neste grupo que aparecem a maioria das formas variantes do referido marcador, conforme já explicitado.

Constatações como as supracitadas tornam pesquisas como esta, que tratam de variação e mudança, muito gratificantes, pelo fato de, por meio dos dados e das teorias, poder desvelar os fatores e também os grupos responsáveis tanto pelas inovações quanto pelo maior uso de uma ou outra forma linguística desestigmatizando, muitas vezes, o falar de determinados grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio F. **Teatro Completo**. In: BREDA, Marcos; NUNES, Luís A. (Orgs.). Rio de Janeiro: Agir, 2009. 273p.

AGUIAR, Sabina P. de. **O Teatro de Martins Pena: Imagens da sociedade e da cultura carioca na primeira metade do século XIX**. (Monografia de Especialização). Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001. 35p.

AMARAL, Luís I.C. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. 2003. 181f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos linguísticos variáveis. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: Educat, 2002. pp.47-68.

AMARAL, Luís I. C.; BORGES, Paulo. **Análise estatística e formação de bancos de dados sociolinguísticos**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009. 134p.

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O.; FÁVERO, Leonor L. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009. 126p.

ARALDI, Daniela; SCLIAR-CABRAL, Leonor. Preenchedores de enunciado em aquisição da linguagem. In: HERNANDORENA, Carmen L. M. (Org.). **Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: aspectos fonéticos-fonológicos**. Pelotas: EDUCAT, 2001. pp. 41-62.

ASSIS, Joaquim M. M. As Forças Caudinas. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. (Org.). **Contos sem Data**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1956. pp.167-188.

BARROS, Diana L. P. Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, Dino (Org.). **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Humanitas, 2008. pp.57-83.

BAUGH, John. Research Currents: The Situational Dimension of Linguistic Power in Social Context. **Language Arts**, v. 64, n. 2, pp.234-240, 1987.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. pp.121-140.

BENDER, Ivo. **Teatro escolhido**. (Apresentação: Carlos Alexandre Baumgarten). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005. 362p.

BEZERRA, Lígia; GRADOVILLE, Michael. A influência do gênero no uso de dois marcadores discursivos em Elocuções Formais. In: PINHEIRO, Clemilton L. (Org.). **Estudos sobre a língua culta falada em Fortaleza**: explorando dados do porcufoort. Fortaleza: Tipoprogresso, 2010. pp.185-214.

BORGES, Paulo R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. 227f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 112p.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: _____. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996. pp.23-53.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In CUNHA, Maria Angélica F. da; OLIVEIRA, Mariangela R. de; MARTELOTTA, Mário E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003. pp.29-55.

FARIA, João R. Um sólido panorama do teatro brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, v. 44, pp.342-346, 1999.

_____. **A narrativa no teatro**. Itinerários (UNESP), Araraquara, Unesp, v. 12, pp.47-57, 1998.

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. 10ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005. 104p.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. Word. **Journal of linguistics** v.15, abril, pp.325-340, 1959.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: _____. (Org). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. pp.165-186.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism With and Without Diglossia; Diglossia With and Without Bilingualism. **Journal of Social Issues**, v. XXIII, n.2, pp.29-38, 1967.

GERAB, Wilma T. L. **O discurso como ele é... nas Tragédias Cariocas de Nelson Rodrigues**. 2008. 199f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GIVÓN, Talmy. **A Compreensão da Gramática**. Tradução: Maria A. F. da Cunha; Mário E. Martelotta; Filipe Albani. São Paulo: Cortez, 2012 [1979]. 485p.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. 486p.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C.; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C.; (Orgs). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. pp.15-66

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 276p.

JACKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008. 163p.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392p. (título original, 1972).

_____. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2001. pp.85-108.

LABOV, William; HERZOG, Marvin I.; WEINREICH, Uriel. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. 151p.

LABOV, William; WALETSKY, Joshua. **Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience**. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington, 1967. pp.12-44.

LEITE, Marli Q. Do falado ao escrito e vice-versa. In: PRETI, Dino (Org.). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009. pp.73-94.

LOPES NETO, João S. A viúva Pitorra. In: BETANCUR, Paulo (Org.); SQUEFF, Enio (il.). **Obra Completa**. Porto Alegre: Sulina, 2003. pp.731-825.

MARCOS, Plínio. **Plínio Marcos**. In: ZANOTTO, Ilka M. (seleção e prefácio). São Paulo: Global Editora, 2010. 288p. (Coleção Melhor Teatro).

MARCUSCHI, Luís A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp.19-36.

_____. **Análise da Conversação**. 5ª. Ed. São Paulo: Ática, 1999. 94p.

_____. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba T. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. pp.281-320.

MARQUES, Priscilla M. **Aspectos Gramaticais e Discursivos da Ordenação Sujeito-Verbo no Português Arcaico**. 2008. 95f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: CUNHA, Maria Angélica F. da; OLIVEIRA, Mariangela R. de; MARTELOTTA, Mário E. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003. pp. 57-71.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica F. da; OLIVEIRA, Mariangela R. de; MARTELOTTA, Mário E. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003. pp.17-27.

MARTELOTTA, Eduardo; ALCÂNTARA, Fabiana. I Discursivização da partícula né? In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C.

(Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.156-163.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; NASCIMENTO, Enrico; COSTA, Sílvia. Gramaticalização e discursivização de assim. In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.146-155.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; RÊGO, Lana. Gramaticalização de lá. In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.132-139.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.24-40.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: o diálogo possível**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001. 96p.

MELLO, Thiago de. **Os estatutos do homem**. 2 ed. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2001. 71p.

NASCIMENTO, Rodrigo A. C. do. **Zero ou um: uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis**. 2008. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Mariângela R. de. Pronomes adverbiais locativos em cartas do português: trajetória, ordenação e função. In: **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, pp.179-206, jan./jun. 2009. Disponível em: http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/07-Mariangela_Rios_17-1.pdf Acesso em abr. 2014.

ORLANDI, Eni .P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 276p.

PALLA, Fabiana F. **Contrastes acerca do marcador né nos falares paulista e gaúcho**. 2011. 76f. Monografia (Especialização em Letras). Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

PAVIANI, Neires M. S.; MORAES, Carolina de. **Entrevista narrativa**: um gênero da pesquisa sociolinguística. In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET, 2009. V SIGET. Caxias do Sul, 2009.

PEREIRA, Edvaldo dos S.; OLIVEIRA, Josane M. **Gramaticalização do item aí**: uma abordagem multifuncional. In: Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia – CNLF. Cadernos do CNLF, Vol. XV, n.5, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011. pp.1833-1844.

PRETI, Dino. **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009. (Projetos Paralelos, v.10). 318p.

_____. Alguns problemas interacionais da conversação. In: _____. (Org). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002, pp.45-66.

_____. **Análise de textos orais**. 4ª. Ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. (Projetos Paralelos, v.1). 237p.

_____. **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. 2ª. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. (Projetos Paralelos, v.3). 236p.

_____. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 216p.

_____. **O discurso oral culto**. 3ª. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. (Projetos Paralelos, v.2). 224p.

_____. **Sociolinguística**: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na Literatura Brasileira. 9ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 174p.

RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. Introduction. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope (Ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2002. pp.1-18.

RISSO, Mercedes S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil. **Construção do texto falado**. v.1, Campinas: Editora da Unicamp, 2006. pp.427-496.

ROSENFELD, Anatol. **Prismas do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000. 258p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1969. 279p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.73-102.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007. 95p.

TRAUGOTT, Elizabeth C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Comunicação apresentada no XII International Congress of Historic Linguistics, 1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acesso em mar. 2014.

TUFANO, Douglas. O teatro no Romantismo brasileiro. In: _____. **Estudos de língua e Literatura**. 4ª Ed. Vol. 2. São Paulo: Moderna, 1990. pp.106-109.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M.(Org.) **Gramática do português falado**. Vol. VII Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999. pp.195-258.

_____. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999. pp.81-102.

VOTRE, Sebastião. **Um paradigma para a linguística funcional**. In: Alfa, São Paulo, 41(n.esp.), 25-40, 1997. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4030/3694>> Acesso em mar. 2014.

_____. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.15-23.

XAVIER, Antônio C.; CORTEZ, Suzana (Orgs.). 2003. **Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística**. Parábola Editorial: São Paulo, pp.149-157.

ANEXOS

ANEXO A – TABELA ENTREVISTAS DO BANCO DE DADOS VARX

Tabela 8 – Entrevistas do banco de dados VarX (composto em sua totalidade por 90 informantes, com destaque em Negrito para os informantes utilizados na presente pesquisa).

VARX - Informantes Pelotas (Básico)														
		Manual			Técnico					Intelectual				
		A	P		A	P	C			P	C			
faixa	sexo	e1	e1	e2	e1	e2	e2	e2	e3	e2	e3	e2	e3	
16-20	fem	3 2				6	7		9		12		15 14	8
	masc	1	5	11	4		8					10	13	7
21-25	fem	18 17				21	22	24			27		30	7
	masc	16	20		19		23		25		26		29 28	8
26-37	fem	33 32				36	37		39		42		45 44	8
	masc	31	35	41	34		38					40	43	7
38-49	fem	48 47		57		49	53						60	7
	masc	46	50	56			52	54				55	59 58	8
50-64	fem	63 62				66	67	69			72		75 74	8
	masc	61	65	71	64				68				73 70	7
+65	fem	78 77					82		81	84	87		90	7
	masc	76 86	80		79		83				89		88 85	8

Legenda: A - moradores do Arrabalde e1 - até 8ª série
 P - moradores da Periferia e2 - no 2º Grau
 C - moradores do Centro e3 - com curso superior prestigiado

Fonte: AMARAL, 2003.

ANEXO B – NORMAS UTILIZADAS NAS TRANSCRIÇÕES⁴⁰

Quadro 1: critérios de transcrição adotados pelo Projeto NURC

<i>OCORRÊNCIAS</i>	<i>SINAIS</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>
<i>Incompreensão de palavras ou segmentos</i>	<i>()</i>	<i>do nível de renda... () nível de renda nominal...</i>
<i>Hipótese do que se ouviu</i>	<i>(hipótese)</i>	<i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i>
<i>Truncamento</i>	<i>/</i>	<i>e comé/ e reinicia</i>
<i>Entoação enfática</i>	<i>Maiúsculas</i>	<i>porque as pessoas reTÊM moeda</i>
<i>Alongamento de vogal ou consoante s, r</i>	<i>:: ou :::</i>	<i>ao emprestarem os...éh:: o dinheiro</i>
<i>Silabação</i>	<i>-</i>	<i>por motivo tran-sa-ção</i>
<i>Interrogação</i>	<i>?</i>	<i>o Banco Central... certo ?</i>
<i>Qualquer pausa</i>	<i>...</i>	<i>são três motivos... ou três razões</i>
<i>Comentários descritivos</i>	<i>((minúsculas))</i>	<i>((tossiu))</i>
<i>Comentários do locutor que quebram a seqüência temática; desvio temático</i>	<i>-- --</i>	<i>a demanda da moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo</i>
<i>Superposição, simultaneidade de vozes</i>	<i>[ligando linhas</i>	<i>A. na casa da sua irmã ? [sexta-feira ?</i>
<i>Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos</i>	<i>" "</i>	<i>Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...</i>

[Reproduzido de Castilho-Preti (Orgs. 1987: 9-10)]

⁴⁰ Esta Tabela foi retirada do texto "Refletindo sobre a língua portuguesa" (sem paginação) do professor Ataliba de Castilho, disponibilizado on line no sítio: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas.php?pag=2&page=2&area=&palavra_chave=&limit=10> Acesso em 13 dez. 2014.